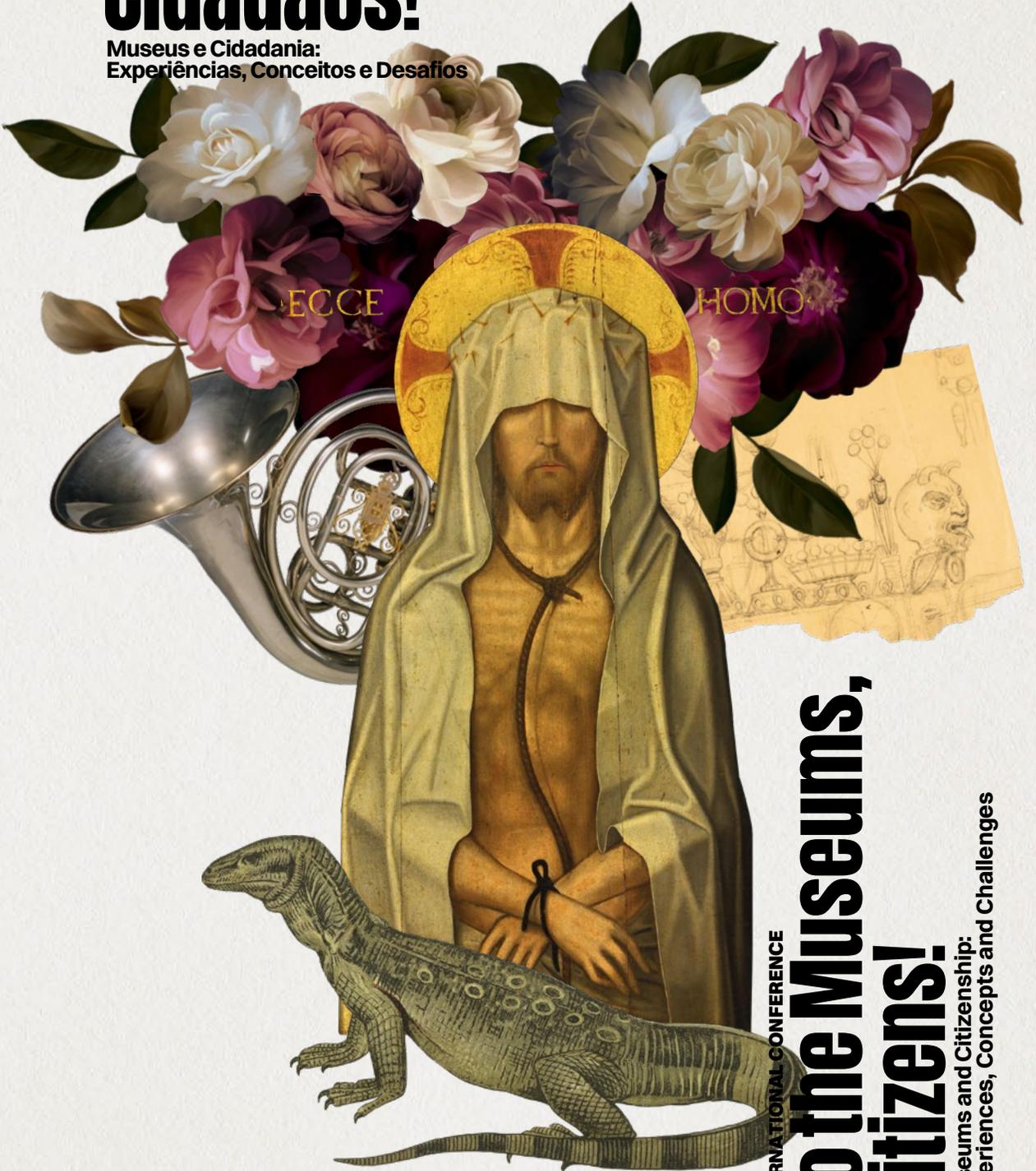


10+11 abril 2024
Museu Nacional dos Coches

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Aos Museus, Cidadãos!

Museus e Cidadania:
Experiências, Conceitos e Desafios



INTERNATIONAL CONFERENCE

To the Museums, Citizens!

Museums and Citizenship:
Experiences, Concepts and Challenges

10+11 April 2024
National Coach Museum



ÍNDICE CONTENTS

- 2 Ser museu, ser cidadão
Being a museum, being a citizen
Pedro Sobrado
- 6 Património cultural e democracia
Cultural heritage and democracy
Emma Nardi
- 8 O sopro democrático nos museus portugueses
The breath of democracy in Portuguese museums
Luís Raposo
- 27 Resumos
Abstracts
- 66 Museus e Monumentos de Portugal
Museums and Monuments of Portugal
- 67 ICOM – International Council of Museums

Ser museu, ser cidadão

Pedro Sobrado*

Promovemos *Aos Museus, Cidadãos!* no mesmo mês em que inauguramos o Museu Nacional Resistência e Liberdade. Ao colocá-los em relação na mesma frase, não estou apenas a sublinhar a proximidade no tempo dos dois eventos – ambos na órbita das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril –, mas a afirmar um princípio que está no coração da Museus e Monumentos de Portugal: “ser museu” é para nós indissociável de “ser cidadão”.

A partir do auditório do Museu Nacional dos Coches, vamos abrir durante dois dias uma janela grande e descomplexada com vista para o mundo. De A a Z, da Austrália à Zâmbia, da Escócia aos Estados Unidos da América, da Costa Rica à Geórgia, dos Emirados Árabes Unidos a Portugal, e o mundo não termina aqui. “Ser museu” é pertencer naturalmente a uma nação plural e infinita.

Alguns dos oradores vão fazer perguntas: “O que podem fazer os museus pela cidadania cultural?” Outros, levados pelo entusiasmo, deixam escapar pontos de exclamação: “Os museus são lugares de democracia – ou seja, lugares onde podemos aprendê-la, defendê-la e exercitá-la!” O título desta conferência é também ele exclamativo, como um chamamento ou um toque a reunir. Sinaliza a urgência – “entre a espada e a parede: os museus em tempos de populismo”, alguém vai dizer – e a alegria de estarmos juntos, em comunidade, a discutir livremente, um seguimento de Abril.

Vão ser colocadas em perspetiva as ancestrais raízes rurais (o Museu Saravan, localizado na província de Gilão, no norte do Irão) e as contemporâneas paixões urbanas (o novo Museu do Design e da Arquitetura de Helsínquia, Finlândia). Vamos conhecer o Parque da Paz 4-3 de Jeju, na Coreia do Sul, um lugar de memória, à semelhança do nosso Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche. Alguém dirá da necessidade de “fazer museu” com os mais jovens e com os mais velhos, e de como os museus do

futuro têm de ser capazes de gerar narrativas vivas que mobilizem e transcendam gerações. Vamos ouvir falar do museu como um espaço de onde podem emergir respostas aos desafios do século XXI: as alterações climáticas, o desenvolvimento sustentável, a proliferação de estreitas perceções nacionalistas e populistas do “outro”, a necessidade de reforço da participação comunitária nas políticas culturais públicas. Vamos sentir ainda o sopro democrático insuflado pela Revolução dos Cravos nos museus portugueses.

Aproprio-me de alguns conceitos, desafios e experiências em circulação nestes dois dias onde nos vamos dar a conhecer, onde vamos dobrar “a hora em que não sabíamos nada uns dos outros”.

Aos Museus, Cidadãos! só foi possível graças ao empenho de Emma Nardi, a presidente do ICOM, e de Luís Raposo, membro do Conselho Executivo do ICOM. Foi ele quem, numa reunião em novembro de 2023, no Picadeiro Real (em Belém!), nos colocou esta criança no colo. Inspirava-nos o entusiasmo próprio dos começos, e emergir publicamente em tão boa companhia com uma conferência internacional pareceu-nos uma proposta irrecusável.

A parceria com o ICOM, a maior e mais representativa organização de museus e profissionais de museus em todo o mundo, é um privilégio e uma responsabilidade. Ser cosmopolita não é mimetizar a grandeza dos outros, mas aceitar o desafio de nos sobressaltarmos por essa grandeza.

Sejam bem-vindos!

** Presidente do Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal*

Being a museum, being a citizen

Pedro Sobrado*

We are hosting *To the Museums, Citizens!* in the same month that we will be opening the National Museum of Resistance and Freedom. By placing them together in the same sentence, I am not simply highlighting the proximity in time of these two events – both within the sphere of the 50th anniversary celebrations of April 25 – but also asserting a principle that is at the heart of Museums and Monuments of Portugal: for us, “being a museum” is inseparable from “being a citizen”.

From the auditorium of the National Coach Museum, we will open for two days a large and unprejudiced window onto the world. From A to Z, from Australia to Zambia, from Scotland to the United States of America, from Costa Rica to Georgia, from the United Arab Emirates to Portugal – and the world does not end here. “Being a museum” means naturally belonging to a multiple and infinite nation.

Some of the speakers will ask questions: “What can museums do for cultural citizenship?” Others, carried away by enthusiasm, will let out exclamations: “Museums are places of democracy – that is, places where we can learn it, defend it and exercise it!” The title of this conference is exclamatory too, like a call or a rallying cry. It signals the urgency – “between a rock and a hard place: museums in times of populism”, as someone will say – and the joy of being together, in community, discussing freely, an achievement of the Carnation Revolution.

Ancestral rural roots (the Saravan Museum, in Gilan province, northern Iran) and contemporary urban passions (the new Museum of Design and Architecture in Helsinki, Finland) will be put into perspective. We will get to know the Jeju 4.3 Peace Park in South Korea, a place of memory, like our own National Museum of Resistance and Freedom, in Peniche. Someone will point out the need for “museum-making” with the younger and the older, and

how future museums must be able to generate living narratives that mobilize and transcend generations. We will hear of museums as spaces from which answers to the challenges of the 21st century may emerge: climate change, sustainable development, the proliferation of narrow nationalist and populist perceptions of the “other”, the need for strengthening community participation in public cultural policies. We will still feel the breath of democracy instilled into Portuguese museums by the Carnation Revolution.

I am borrowing from some of the concepts, challenges, and experiences in circulation during these two days in which we will make ourselves known and surmount “the hour we knew nothing of each other”.

To the Museums, Citizens! was only possible thanks to the commitment of Emma Nardi, President of ICOM, and Luís Raposo, ICOM Executive Board member. It was the latter who, during a meeting in November 2023, at the museum of the Royal Riding School, entrusted us with this newborn idea. We were inspired by the enthusiasm of new beginnings, and making our public debut in such good company with an international conference seemed like a proposal we could not refuse.

Our partnership with ICOM, the largest and most representative organization of museums and museum professionals worldwide, is both a privilege and a responsibility. Being cosmopolitan is not about mimicking the greatness of others, but about accepting the challenge of being surprised by that greatness.

Welcome!

** President of the Board of Directors of Museums and Monuments of Portugal*

Património cultural e democracia

Emma Nardi*

A conferência organizada em parceria com a Museus e Monumentos de Portugal reúne pela primeira vez numa iniciativa comum o Conselho Executivo, a Aliança Regional Europeia e a Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. Nas suas seis sessões, abordar-se-á a relação entre museus e cidadãos com base em exemplos de todos os continentes. Trata-se, assim, de uma oportunidade única para comparar experiências muito diversas, da Costa Rica à Zâmbia, da Austrália aos EUA, do Irão à Coreia. Outros estudos em profundidade focarão nações europeias e, em particular, Portugal, o país anfitrião.

A escolha da data encerra um valor simbólico duplamente significativo. A conferência terá lugar no mesmo país onde, em 2005, quarenta nações europeias assinaram a Convenção de Faro, que declara a importância do património cultural para a defesa dos direitos humanos e a democracia. E celebra o 50.º aniversário da Revolução dos Cravos que, sem derramamento de sangue, libertou Portugal da ditadura.

Julgámos, pois, oportuno dedicar os trabalhos da conferência à análise da relação entre museus e cidadania. Na origem dos museus encontram-se as chamadas *Wunderkammern*, coleções privadas de indivíduos poderosos que procuravam demonstrar o seu estatuto privilegiado mediante a acumulação de objetos raros e preciosos, orgulhosamente exibidos ao público muito restrito dos seus visitantes. Esta noção de colecionismo entraria em declínio a partir do século XVIII e, em particular, no seguimento da Revolução Francesa, quando as coleções privadas da coroa passaram a constituir um *Musée National* acessível aos cidadãos. Desde então, os museus nacionais jamais deixaram de evoluir e de ampliar as suas atividades, como atesta a nova definição de museu aprovada em 2022 pela assembleia geral do ICOM:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, atuam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas de educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.

É para mim uma honra e um verdadeiro privilégio participar na conferência internacional *Aos Museus, Cidadãos!* Gostaria de exprimir toda a minha gratidão à entidade pública Museus e Monumentos de Portugal pelo seu apoio, a todos os nossos colegas que aceitaram o convite para participar, e a Luís Raposo, que com o seu generoso saber e a sua energia tornou possível este evento.

* *Presidente do ICOM – International Council of Museums*

Cultural heritage and democracy

Emma Nardi*

The conference organized jointly with Museums and Monuments of Portugal brings together for the first time in a common activity the ICOM Executive Board, the ICOM Europe Regional Alliance and the ICOM Portugal National Committee. In its planned six sessions, the theme of the relationship between museums and citizens will be addressed and illustrated with examples that concern all continents. This is a unique opportunity to compare experiences ranging from Costa Rica to Zambia, from Australia to USA, from Iran to Korea. Further in-depth studies concern European nations, with particular attention to Portugal, the host country.

The choice of the date has a doubly significant symbolic value. It takes place in the country where, in 2005, forty European nations signed the Faro Convention, which states the relevance of cultural heritage to human rights and democracy. It celebrates the fiftieth anniversary of the Carnation Revolution which, without bloodshed, liberated Portugal from dictatorship.

We therefore thought it appropriate to devote our work to the analysis of the relationship between museums and citizenship. At the origin of museums are the *Wunderkammern*, private collections of rare and precious objects whose powerful owners would proudly show off as symbols of status to the narrow ranks of their visitors. This sort of private collections fell out of fashion in the eighteenth century, and in particular after the French Revolution, when the king's private collections became a *Musée National* opened to the citizens. Since then, national museums have never ceased to evolve, and recently they expanded their activities, as can be seen from the new definition of museum that the ICOM general assembly voted on in 2022:

A museum is a not-for-profit, permanent institution in the service of society that researches, collects, conserves, interprets and exhibits tangible and intangible heritage. Open to the public, accessible and inclusive, museums foster diversity and sustainability. They operate and communicate ethically, professionally and with the participation of communities, offering varied experiences for education, enjoyment, reflection and knowledge sharing.

It is a real privilege and honour for me to participate in the conference *To the Museums, Citizens!* I would like to express all my gratitude to the public entity Museums and Monuments of Portugal, who supported it, to all our colleagues who accepted the invitation, and to Luís Raposo who lavished his knowledge and energy to make this event possible.

* *President of ICOM – International Council of Museums*

O sopro democrático nos museus portugueses

Luís Raposo*

Engana-se quem pense que uma revolução – mais a mais, um golpe de Estado militar convertido em revolução por força da adesão popular – pode de súbito transformar de alto a baixo um país como Portugal, de “brandos costumes” por índole, com oito séculos de acumulado histórico, um dos mais antigos Estados-nação europeus na permanência das suas fronteiras, língua e povo.

Num tal quadro, pouco muda em cada convulsão histórica, seja ela a do novo regime da cidadania, trazido na ponta das baionetas dos exércitos imperiais napoleónicos (1807), seja a do liberalismo vintista (1820) e de todos os seus sucedâneos oitocentistas, seja a da república (1910), imposta em Lisboa e transmitida por telégrafo ao país, seja a da ditadura (1926) das contas e das mentes controladas, seja, enfim, tenhamos a humildade de o reconhecer, a da democracia reinstaurada em 25 de Abril de 1974. O povo, o Zé Povinho genialmente criado por Rafael Bordallo Pinheiro, continuou sempre, em todos os regimes, alheado dos “bailes de máscaras” da capital, simbolizada pelo tradicional centro do poder político: o Terreiro do Paço.

Expressa esta relativização que ao historiador cumpre fazer, é certo que este último sopro transformador constitui um facto singular na História de Portugal. E singular desde logo porque instituiu um regime de liberdades públicas como nunca houve neste país, quer em extensão quer em duração.

À data da “madrugada que eu esperava”, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, do seu e nosso “dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo”, Portugal era

ainda um país essencialmente rural, com níveis de analfabetismo (mais de metade dos adultos, até quase dois terços, em todo o interior), de mortalidade infantil (45 crianças mortas com menos de um ano de idade, por cada mil nascimentos) e de expectativa de vida à nascença (67 anos) mais próximos do terceiro-mundo do que da Europa. É certo que se vinha fazendo caminho em todas estas e outras variáveis, mas um caminho desesperantemente lento. Somava-se a falta de liberdades públicas, de que a censura da imprensa, imediatamente instaurada em 1926, era uma das mais visíveis, embora não a mais ominosa, posto que por cima dela existia todo um regime opressivo, de polícia política, tortura, prisão e degredo dos oposicionistas. Acresce o rasto de uma longuíssima dominação colonial, que somente nos anos 60 tinha formalmente suprimido o tratamento jurídico desigual de colonos e colonizados (extinção do regime do indigenato) e desembocara numa guerra colonial que durava há 14 anos e originara 45 mil mortos entre os combatentes pela independência das colónias, e 10 mil mortos, mais 30 mil feridos graves, entre os militares portugueses.

O domínio do património cultural em sentido amplo pode constituir um campo de análise especialmente revelador do que a democracia de Abril trouxe a Portugal, porque nele se juntam os pontos de vista das classes urbanas com os dos povos das aldeias, na defesa de bens (materiais) e valores (imateriais), que ambos consideram memoráveis. Em 1974, o próprio conceito de património cultural era ainda em grande medida ignorado e pode dizer-se que foi Abril que o (re)inventou (Raposo 2021: 265-267). Viviam-se debaixo de décadas de “património artístico da Nação” e de “folclore”. Mas algo estava já a

The breath of democracy in Portuguese museums

Luís Raposo*

One would be mistaken to think that a revolution – and especially a military *coup d'état* turned into a revolution by virtue of the people's support – can suddenly transform from top to bottom a country like Portugal, proverbially “gentle” by temperament, with eight centuries of accumulated history, one of the oldest European nation-states in terms of territorial, linguistic and ethnic stability.

In such a background, little changes at each historical upheaval, be it that of the new citizenship regime, brought at the point of the bayonets of Napoleon's imperial armies (1807), or that of liberalism (1820) and all its subsequent 19th-century versions, or that of the republic (1910), installed in Lisbon and telegraphed to the rest of the country, or that of the dictatorship (1926) with its firm grip on people's minds and affairs, or finally – one should be humble enough to admit it – that of the democracy reinstated on April 25, 1974. The people, the “Zé Povinho” so masterfully created by Rafael Bordallo Pinheiro, always remained, under every regime, oblivious to the “masquerade balls” of the capital, symbolized by the traditional centre of political power: Terreiro do Paço, the “Palace Yard”.

Having stated this relativization, as required of a historian, it is undeniable that this last transforming breath remains a singular fact in the History of Portugal. And singular, first of all, because it brought along a regime of civil liberties like no other ever established in this country, either in scope or duration.

At the time of “the dawn I was waiting for”, to quote Sophia de Mello Breyner Andresen's poem, the time of her and our “whole and clean first day/ Where we emerge from the night and

the silence/ To freely inhabit the substance of time”, Portugal was still a largely rural country, with levels of illiteracy (more than half, up to almost two thirds, of the adult population across the whole countryside), infant mortality (45 children dying under one year of age for every 1 000 births) and life expectancy at birth (67 years) that were closer to Third World standards than to European ones. It is true that progress was being made in all these and other variables, but at a painfully slow pace. Added to this was the lack of civil freedoms, with press censorship – established straight away in 1926 – being one of the most visible, although not the most ominous, given that on top of it there was an entire oppressive regime of political police, torture, arrest, and deportation of oppositionists. In addition, there was the weight of a long history of colonial rule, which only in the 1960s had formally revoked the unequal legal treatment of colonizers and colonized (the extinction of the indigenes regime) and eventually led to a colonial war that lasted 14 years and caused 45 thousand deaths among those fighting for the independence of the colonies, and 10 thousand dead, plus 30 thousand seriously injured, among the Portuguese military.

The field of cultural heritage in the broad sense may prove to be an area of study particularly revealing of what the April democracy brought to Portugal, because it encompasses the combined points of view of the urban classes and the village people on the protection of the material goods and immaterial values regarded as memorable by both. In 1974, the very concept of cultural heritage was still largely unknown, and one could say that it was the April Revolution that (re)invented it (Raposo 2021: 265-267). The

Fig. 1

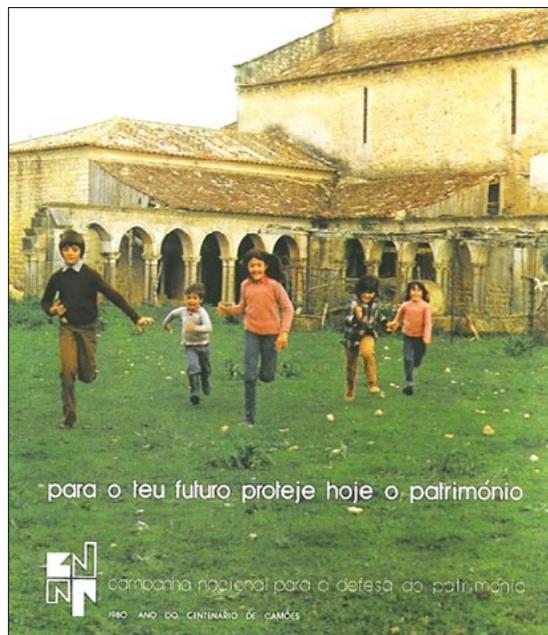
mudar, recordando-nos que uma verdadeira revolução não se resume ao momento do assalto ao palácio. Em 5 de Novembro de 1973, ou seja, menos de seis meses antes da Revolução dos Cravos, o poder central cria uma unidade orgânica com a designação de “património cultural”: uma “divisão”, a mais baixa unidade orgânica do aparelho de Estado, incluída na Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação Nacional (Decreto-Lei n.º 582/73).

O novo quadro político instaurado em 1974 revela-se desde logo no conteúdo da primeira Constituição democrática, de 1976, onde se estabelecem os princípios que alicerçam o novo regime, dos quais cumpre salientar os seguintes:

a) A cultura e o património cultural como direito dos cidadãos e dever do Estado: “Incumbe ao Estado, por meio de organismos próprios e por apelo a iniciativas populares [...] criar e desenvolver reservas e parques naturais e de recreio, bem como classificar e proteger paisagens e sítios, de modo a garantir a conservação da natureza e a preservação de valores culturais de interesse histórico ou artístico” (art.º 66.º); “Todos têm direito à educação e à cultura. O Estado promoverá a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos, em especial dos trabalhadores, à fruição e criação cultural, através de organizações populares de base, colectividades de cultura e recreio, meios de comunicação social e outros meios adequados” (art.º 73.º); “O Estado tem a obrigação de preservar, defender e valorizar o património cultural do povo português” (art.º 78.º);

b) O papel das associações (conforme supracitado) e dos cidadãos em geral, reforçado através do “direito de acção popular” (art.º 49.º).

Estes preceitos constitucionais enformaram a primeira Lei de Bases do Património Cultural Português, de 1985 (Lei n.º 13/85, de 6 de



Julho), onde se salienta o papel das Associações de Defesa do Património, um movimento de grande pujança, com centenas de organizações, que percorreu como um vendaval o país, mobilizando vontades como nunca depois voltou a acontecer. Segundo dados coligidos por Sofia Costa Macedo (2018), entre 1974 e 1997 foram criadas ou redinamizadas 645 associações patrimoniais, das quais 132 exclusivamente de património cultural, 151 de património cultural e natural e 291 de património e outros temas. Deste movimento fez parte, por exemplo, a primeira Campanha Nacional para a Defesa do Património, em 1980 (figura 1).

A Lei de Bases indicada dava disso conta: “As Associações de Defesa do Património, adiante designadas por ADP, são as associações constituídas especificamente para promover a defesa e o conhecimento do património cultural; as ADP têm direito a pronunciar-se junto do IPPC [Instituto Português do Património Cultural], dos órgãos da administração autárquica, bem como das entidades cuja acção se situe na defesa do património cultural, sobre tudo quanto a este respeito; as ADP terão assento no conselho consultivo do IPPC, sendo o seu representante designado segundo os próprios critérios das associações e só por elas poderá ser removido ou substituído” (art.º 6.º). Reconhece-se aí também, explicitamente, o “direito de acção popular” neste domínio: “Qualquer cidadão no gozo dos seus direitos civis, bem como qualquer

country had lived through decades of “national artistic heritage” and “folklore”. But something was already changing, reminding us that a true revolution does not begin and end in the storming of the palace. On November 5, 1973, that is, less than six months before the Carnation Revolution, the government had created an organic entity under the name of “cultural heritage”: a “division”, the lowest organic unit of the State apparatus, included in the General Directorate of Cultural Affairs of the Ministry of National Education (Decree-Law no. 582/73).

The new political framework established in 1974 is immediately apparent in the content of the first democratic Constitution, of 1976, which sets down the principles underpinning the new regime, of which the following should be emphasized:

a) Culture and cultural heritage as a right of the citizens and a duty of the State: “It is the State’s responsibility, through its own bodies and by appealing to popular initiative [...] to establish and develop reserves and natural and recreational parks, as well as to classify and protect landscapes and sites, so as to ensure the conservation of nature and the preservation of cultural values of historical or artistic significance” (art. 66); “Everyone has the right to education and culture. The State will promote the democratization of culture, encouraging and ensuring the access of all citizens, especially the workers, to cultural fruition and creation, through grassroots organizations, cultural and recreational associations, the mass media, and other suitable means” (art. 73); “The State bears the obligation to preserve, defend and value the cultural heritage of the Portuguese people” (art. 78).

b) The role of associations (as mentioned above) and citizens in general, strengthened through the “right of popular action” (art. 49).

These constitutional precepts formed the first Basic Law of Portuguese Cultural Heritage, promulgated in 1985 (Law no. 13/85, of July 6), which highlights the role of Heritage Protection Associations, an extremely vigorous movement with hundreds of organizations, that swept through the country like a storm, mobilizing volunteers like never before or after. According to data collected by Sofia Costa Macedo (2018), between 1974 and 1997, 645 heritage associations were created or reactivated, of which 132 exclusively devoted to cultural heritage, 151 to cultural and natural heritage, and 291 to heritage and other subjects. A part of this movement was, for instance, the first National Campaign for the Defence of Heritage, in 1980 (figure 1).

The abovementioned Basic Law reflected that reality: “The Heritage Protection Associations, henceforth referred to as HPA, are organizations purposefully created for promoting the defence and knowledge of cultural heritage; the HPA have the right to confer with the IPPC [the Portuguese Institute for Cultural Heritage], with local administrations, as well as with entities related to the preservation of cultural heritage, on all matters that concern it; the HPA will have a seat on the IPPC advisory board, acting through a representative appointed according to the associations’ own criteria, and who can only be removed or replaced by them” (art. 6). The “right of popular action” in this domain is also explicitly recognized: “Any citizen enjoying their civil rights, as well as any HPA legally constituted, has, in the cases and under the terms provided for by law, the right of popular action in the defence of cultural heritage” (art. 59).

ADP legalmente constituída, tem, nos casos e nos termos definidos na lei, o direito de acção popular de defesa do património cultural” (art.º 59.º). Este princípio de “acção popular” viria a ser regulamentado mais tarde, em 1995, através de lei parlamentar que, no art.º 1.º, estabelece a sua aplicação ao património cultural e, no art.º 2.º, refere o papel privilegiado do Movimento Associativo (Lei n.º 83/95, de 31 de Agosto).

Como já escrevemos noutras ocasiões, não parece que tenha sido igual a dinâmica social do 25 de Abril nos diferentes domínios que integram o património cultural (Raposo 2014). A arqueologia aparecia então como o mais explosivo; o património arquitectónico, como o mais conservador na dimensão do aparelho de Estado, passando a revolução social pelo movimento das ADP acima referido; os museus situavam-se no meio. Os museus possuíam algumas características de *outsiders*, sem real reconhecimento profissional – o que lhes conferia proporcional liberdade criativa. Mas outorgava-lhes, por outro lado, *panache* social, pois eram ainda muito dominados por elites efectiva ou saudosamente aristocráticas, que a si mesmas se atribuíam o papel de “guardiãs dos templos”, avessas a tudo o que fosse agitação de massas. Animadas de bons propósitos, tais elites puderam, antes e depois de 1974, promover a realização de iniciativas muito meritórias, destacando-se o papel da APOM – Associação Portuguesa de Museologia, que a partir de 1965 tinha protagonizado a mais refrescante tentativa de democratização e modernização dos museus e dos seus profissionais. Mas foi preciso que a sociedade portuguesa evoluísse e incorporasse valores democráticos e de qualidade de vida, sobretudo no plano local, para que os museus

realmente operassem a “revolução silenciosa” por que passaram nas últimas décadas. A história da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM é neste contexto particularmente reveladora, pelo que nos ensina do “antes” (nomeações governamentais, em lugar de eleições democráticas) e do imediatamente “depois” de 1974 (eleição sensivelmente dos mesmos, em círculo fechado de poucos participantes, quase se diria com receio que “o poder caísse na rua”, para usar a célebre frase do último primeiro-ministro da ditadura, Marcello Caetano, no momento da transferência de poder para a nova Junta de Salvação Nacional). E basta pensar no que o ICOM Portugal é hoje, com as suas centenas de membros individuais e de dezenas de museus, com a sua profunda democraticidade interna, com a sua reconhecida intervenção profissional e cívica, tanto no plano nacional como no plano internacional, para vermos o quanto o mundo dos museus portugueses evoluiu, num caminho que seria impossível percorrer sem “as portas que Abril abriu”.

Os museus portugueses em democracia

A verdade é que, chegados ao dealbar do século XXI, os museus portugueses, por entre vicissitudes mil, derivadas principalmente da debilidade de políticas e meios de financiamento públicos, apresentavam já, em geral, indicadores de desempenho muito estimáveis, como se documenta no *Inquérito aos Museus de Portugal* (2000), no *Panorama Museológico em Portugal* (2013) e nos dados europeus coligidos seja pelo EGMUS – The European Group on Museum Statistics (www.egmus.eu), seja pelo Eurostat.

This principle of “popular action” would later be regulated, in 1995, through a parliamentary law that, in article 1, establishes its application to cultural heritage and, in article 2, declares the privileged role of the associative movement (Law no. 83/95, of August 31).

As we have already written elsewhere, the social dynamics of April 25 does not seem to have been the same across the various fields of cultural heritage (Raposo 2014). Archaeology then appeared as the most explosive, and architectural heritage as the most conservative in its connection to the State apparatus, while the social revolution was mainly embodied by the abovementioned HPA movement; museums were in the middle. The museums displayed some *outsider* qualities, having no real professional recognition, which granted them a proportional creative freedom – as well as, on the other hand, some social *panache*, given that they were still very much under the control of wistfully or effectively aristocratic elites, who assigned themselves the role of “guardians of the temples”, hostile to anything that might be regarded as mass agitation. Driven by good intentions, those elites were able to carry out, before and after 1974, very laudable initiatives, of which one should highlight the role of the APOM (Portuguese Association of Museology), which from 1965 onwards had led the most invigorating attempt at democratizing and modernizing museums and their professionals. But Portuguese society had to evolve and incorporate democratic values and higher standards of living, particularly at the local level, for museums to truly set off the “silent revolution” they have undergone in recent decades. In this regard, the history of

the National Committee of ICOM Portugal is particularly revealing in what it shows us about the “before” (government appointments, instead of democratic elections) and the immediately “after” 1974 (election of the same, in a closed circle of very few participants, almost as if fearing that “the power would fall into the street”, to quote the famous expression of Marcelo Caetano, the last prime-minister of the dictatorship, at the time of the transfer of power to the new National Salvation Junta). And a moment’s thought to what ICOM Portugal is today – with its hundreds of individual members and dozens of museums, its profound internal democracy, and its recognized professional and civic role, both at national and international levels – is enough to make us realize how much the world of Portuguese museums has evolved, taking on a path that would be impossible to follow without “the doors that April opened”.

Portuguese museums under democracy

The truth is that, at the dawn of the 21st century, Portuguese museums, in spite of countless vicissitudes, stemming mainly from deficiencies in public policies and financing means, already displayed, in general terms, very commendable performance indicators, as documented in *Inquérito aos Museus de Portugal [A Survey of Portuguese Museums]* (2000), in *Panorama Museológico de Portugal [Museological Panorama of Portugal]* (2013), and in European data collected by EGMUS – The European Group on Museum Statistics (www.egmus.eu) and by Eurostat.

No seu conjunto, estes dados dão conta de algo que muitas vezes escapa ao observador menos atento: os museus portugueses documentam uma das mais exitosas políticas da cultura em democracia, sendo nestes 50 anos os equipamentos culturais que mais se expandiram e qualificaram (gráfico 1), tendo só paralelo nas bibliotecas. Mas se atendermos ao número de frequentadores, o paralelo é outro e igualmente único: os concertos ao vivo, não os *mega-shows* produzidos com o apoio de multinacionais, mas os espectáculos de vila e aldeia, patrocinados por autarquias e comércios locais, conforme se documenta no gráfico 2. De notar, ainda neste gráfico, os efeitos acentuados da pandemia de covid-19 na frequência de museus e espectáculos, efeito que se encontra em vias de ser superado, com o regresso às taxas de crescimento anteriores, as quais talvez apenas venham a ser interrompidas em resultado das crises planetárias em que cada vez mais estamos mergulhados: as alterações climáticas, as migrações e o sobrepovoamento, o risco de confrontação política entre blocos.

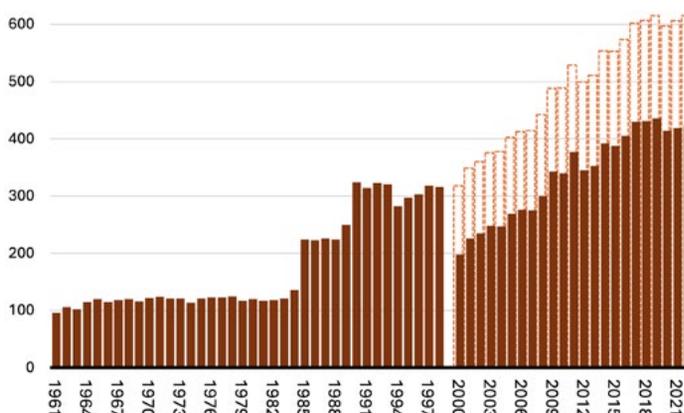
No último levantamento mais completo realizado em Portugal (comunicação pessoal de José Soares Neves e Jorge Santos), referente a 2015, registaram-se 1388 “auto-intitulados museus”, dos quais 730 com os elementos mínimos para que assim se possam identificar (actividade permanente ou sazonal, pelo menos uma sala de exposições e um trabalhador). Destes, 388 atingiram um nível superior de qualificação: além das características anteriores, pelo menos um conservador ou técnico superior habilitado, orçamento e inventário. Por fim, destes, 146 (actualmente são 165: ver *Relatório 2023*)

integravam a Rede Portuguesa de Museus (RPM), ela própria uma novidade de Abril (figura 2), que começou a ser imaginada durante o chamado Processo Revolucionário em Curso (PREC), quando se criaram também neste sector diversas comissões ou grupos de estudo de ocasião (por exemplo, a Comissão *ad hoc* encarregada de estudar a Reforma da Legislação dos Museus Portugueses, o Grupo de Trabalho para o Estudo da Instalação de Novos Museus ou o Grupo para o Estudo do Curso de Museologia) e quando foi pedido à UNESCO o envio de uma missão de estudo a Portugal.

Esta missão foi organizada pelo ICOM e teve lugar em 1977, sob a chefia de Per-Uno Ågren. Do seu relatório, disponível em linha (<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000036581>), consta o elenco das dificuldades do momento: “Problemas de instalações, problemas científicos (métodos de aquisição e de documentação das colecções) e ausência de actividades educativas”, sendo recomendado “um conjunto de soluções estruturais, inscritas no longo prazo, a primeira das quais consistia na criação de ‘uma rede coerente de museus para dar uma informação equilibrada sobre a história cultural’” (Camacho 2014). Pode dizer-se que as recomendações deste relatório do ICOM foram nas décadas seguintes todas seguidas, em maior ou menor grau. Para além da própria RPM, nos levantamentos de inícios do século XXI já se assinalava, por exemplo, que cerca de dois terços dos museus portugueses possuíam serviços educativos: só durante a primeira década do século XXI, a percentagem de museus portugueses com serviço educativo passou de 44% para 62% (*Panorama 2013*).

Gráfico/Graph 1

Número de museus em Portugal, entre 1961 e 2022.
Number of museums in Portugal, from 1961 to 2022.



As a whole, these data impart something that often eludes the less attentive observer: Portuguese museums document one of the most successful cultural policies in democracy, being in these last fifty years the cultural facilities that have expanded and developed the most (graph 1), with libraries as the only parallel. However, if we consider the number of attendees, there is another, and equally unique, paral-



Fig. 2

lel: live concerts – not mega-shows, produced with the support of multinationals, but town and village shows, sponsored by local authorities and businesses, as can be seen in graph 2. It is worth noting, in the same graph, the marked effects of the covid-19 pandemic on the attendance of museums and live shows, an effect that is in the process of being overcome, with the return to previous growth rates, which perhaps will only be negatively affected as a result of the global crises in which we find ourselves increasingly immersed: climate change, migration and overpopulation, the risk of political conflict between blocs.

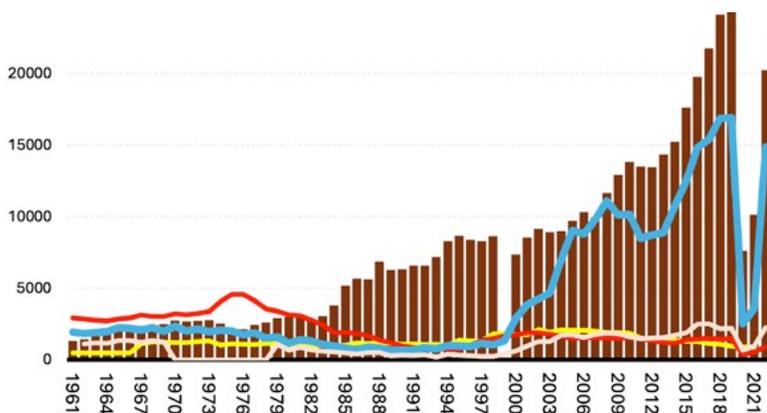
According to the last, most complete survey carried out in Portugal (personal communication from José Soares Neves and Jorge Santos), regarding 2015, there are 1 388 “self-styled museums”, of which 730 have the minimum elements to be identified as such (permanent or seasonal activity, and, at least, one exhibition room and one worker). Of these, 388 attained a higher level of qualification: in addition to the previous characteristics, at least one qualified

conservator or senior technician, budget, and inventory. And of these, finally, 146 (currently 165: see the 2023 Report) had joined the Portuguese Museums Network (RPM), itself a product of democracy (figure 2), originally conceived during the so-called Ongoing Revolutionary Process (PREC), when several commissions or temporary working groups were also created in this sector (for instance, the *ad hoc* commission in

charge of studying the reform of the law on Portuguese museums, the working group for the installation of new museums, or the working group for the creation of a Museology course), and when UNESCO was asked to send a study mission to Portugal.

This mission was organized by ICOM and took place in 1977, under the leadership of Per-Uno Ågren. His report, available online (<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000036581>), lists the difficulties encountered: “Problems with the facilities, scientific problems (methods of acquisition and documentation of collections) and lack of educational activities”, recommending “a set of long-term structural solutions, the first of which was the creation of a coherent network of museums to provide balanced information about cultural history” (Camacho 2014). It can be said that the recommendations in this ICOM report were all met, to a greater or lesser extent, in the following decades. In addition to the RPM itself, surveys carried out at the beginning of the 21st century already noted, for example, that two thirds of

Portuguese museums provided educational services: during the first decade of the 21st century alone, the percentage of Portuguese museums with educational services increased from 44 to 62% (Panorama 2013).



Gráfico/Graph 2

Número de visitantes aos museus em Portugal, entre 1961 e 2022. Number of visitors to museums in Portugal, from 1961 to 2022.

Seria, contudo, redutor observar os museus portugueses em democracia somente através da sua maior qualificação técnica e interacção em rede – aspectos que são, todavia, evidentes e essenciais. Como acontece sempre em todas as coisas que importam, o sopro cidadão não advém tanto do virtuosismo técnico (menos ainda da “funcionalização” e “institucionalização”, algo que, por exemplo, aconteceu à RPM, ao arrepio da sua intenção inicial e para seu efectivo prejuízo), como do envolvimento popular. O maior êxito dos museus portugueses em democracia esteve, sobretudo, na explosão dos museus locais, municipais na sua maioria, mas também de âmbito vincadamente comunitário, por vezes sob a designação de “ecomuseus” ou de “museus de território”.

Para tal explosão contribuiu a estada em Portugal de Hugues de Varine, depois de deixar o seu lugar de director-geral do ICOM, que desenvolveu trabalho de campo em várias regiões do país e fortemente inspirou experiências tão profícuas como a do Ecomuseu do Seixal (formalmente criado em 1982, mas em actividade desde 1978). E não será também estranha ao seu magistério a criação em 1985, em Lisboa, do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), durante o II Atelier Internacional de Nova Museologia, sucessor do primeiro, que decorrerá no Quebec (Canadá), em 1984 (ocasião em que profissionais de museus de 15 países adoptaram a Declaração de Quebec, inspirada ela própria na Declaração de Santiago, adoptada em 1972, no Chile). Este impulso tem sido continuado até hoje, com as Conferências sobre a Função Social dos Museus (desde 1988) e os Encontros de Museologia e Museus Municipais (desde 1990), entre outras actividades.

“Ser museu”

O respirar democrático fez-se também sentir noutros planos. Três deles são especialmente significativos: a organização administrativa do Estado, a formação e investigação universitária (onde literalmente se “inventou o caminho”, porque nada existia antes de 1974) e o universo mais restrito dos “grandes museus”.

Quanto à organização do Estado, importa antes de mais salientar a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004), aprovada por unanimidade na Assembleia da República, depois de um processo legislativo exemplar, iniciado com a nomeação de um grupo técnico qualificado e concluído, antes de ser votado pelos deputados, com amplo debate público, já em sede parlamentar. Trata-se de uma lei onde é muito visível o sopro democrático que temos assinalado ao longo deste texto (ver a avaliação crítica retrospectiva, realizada por um dos seus principais redactores: Claro 2017). Desde logo, na definição do que devem ser os princípios enformadores das políticas públicas sobre museus (art.º 2.º), sendo os dois primeiros “o primado da pessoa, através da afirmação dos museus como instituições indispensáveis para o seu desenvolvimento integral e a concretização dos seus direitos fundamentais” e “a promoção da cidadania responsável, através da valorização da pessoa, para a qual os museus constituem instrumentos indispensáveis no domínio da fruição e criação cultural, estimulando o empenhamento de todos os cidadãos na sua salvaguarda, enriquecimento e divulgação”. Depois, na própria definição de museu (art.º 3.º), onde se adopta basicamente a formulação do ICOM, porém com um subtil, mas muito significativo, *distinguo*: a colocação em primeiro lugar das funções de investigação, precedendo as de conservação e educação. No art.º 7.º, estas funções dos museus são assim alinhadas: “Estudo e investigação; incorporação; inventário e documentação; conservação; segurança; interpretação e exposição; educação.” E ainda na identificação das condições necessárias aos museus, em matérias como autonomia de plano (art.º 86.º: “O programa museológico fundamenta a criação ou a fusão de museus”), direcção própria (art.º 44.º: “O museu deve ter um director, que o representa tecnicamente”), pessoal qualificado (art.º 45.º: “O museu dispõe de pessoal devidamente habilitado”) e orçamento privativo (art.º 48.º: “O museu deve dispor de recursos financeiros especialmente consignados, adequados à sua vocação, tipo e dimensão, suficientes para assegurar a respectiva sustentabilidade e o cumprimento das funções museológicas”).

Nevertheless, it would be reductive to consider Portuguese museums in democracy solely in terms of their greater technical qualification and network interaction – aspects that are, however, evident and fundamental. As is always the case in all things that matter, the essential impetus did not come as much from technical virtuosity (and even less from “functionalization” and “institutionalization” – something that happened, for instance, to the RPM, despite its initial intentions, and to its own effective detriment) as from popular involvement. In democratic Portugal, the greatest success within this sector was, chiefly, the boom of local museums, mostly municipal, but also with a markedly community scope, in some cases under the denomination of “eco-museums” or “territory museums”.

Such a boom can be partly attributed to the influence of Hugues de Varine, who, after leaving his position as general director of ICOM, carried out field work in several regions of Portugal, strongly inspiring experiences as fruitful as that of the Ecomuseu in Seixal (formally established in 1982, but in operation since 1978). His work was also important, no doubt, to the creation in Lisbon, in 1985, of the International Movement for a New Museology (MINOM), during the II International Atelier of New Museology – the first edition of this event had taken place in Quebec (Canada) in 1984, when museum professionals from fifteen countries adopted the Quebec Declaration, itself inspired in the Santiago Declaration, approved in Chile in 1972. This impulse has been kept alive to this day, with the Conferences on the Social Role of Museums (since 1988) and the Meetings on Museology and Local Museums (since 1990), among other activities.

“To be a museum”

The breath of democracy was also felt on other levels. Three of these are particularly significant: the administrative organization of the State, university education and research (where the way was literally “invented”, because nothing existed before 1974), and the more restricted domain of the “great museums”.

As for the State’s organization, one should highlight, firstly, the Framework Law of Portuguese Museums (Law no. 47/2004), unanimously approved by the National Assembly, after an exemplary legislative process, initiated with the appointment of a qualified technical group and concluded, before the voting, with a broad public debate in parliament. This is a law where the democratic breath we have been referring to throughout this article is very noticeable (see the retrospective critical review by one of its main drafters: Claro 2017). First of all, in the definition of what the guiding principles of public policies on museums should be (art. 2), the first two being “the primacy of the human person, through the affirmation of museums as indispensable institutions for their integral development and the realization of their fundamental rights” and “the promotion of responsible citizenship, through the valorisation of the human person, for which museums are indispensable instruments in the spheres of cultural fruition and creation, fostering the commitment of all citizens to their preservation, enrichment and diffusion”. Secondly, in the very definition of museum (art. 3), where the ICOM formulation is essentially adopted, but with a subtle, yet very significant distinction: the precedence of its research functions over those of conservation and education. In article 7, the functions of museums are listed as follows: “Study and research; incorporation; inventory and documentation; conservation; security; interpretation and exposition; education”. And also in the identification of the necessary conditions for museums, in matters such as autonomy of planning (art. 86: “The museum program is the basis for the creation or merging of museums”), own management (art. 44: “The museum must have a director, who technically represents it”), qualified staff (art. 45: “The museum has duly skilled personnel”) and a private budget (art. 48: “The museum must have especially allocated financial resources, appropriate to its vocation, type and size, sufficient to ensure its sustainability and the fulfilment of its museological functions”).

Having emphasised the importance of the Framework Law in establishing the conceptual

Uma vez salientada a importância da Lei-Quadro no estabelecimento da arquitectura conceptual do “ser museu” e das políticas públicas atinentes, convém acrescentar que a mesma não surgiu do nada e antes se inscreve, na verdade documenta também, num momento especialmente transformador do próprio aparelho de Estado na área do património cultural. Com efeito, podem assim resumir-se telegraficamente as fases por que este passou, depois de instalada a democracia: entre 1974 e 1980, a fase mais criativa de tentativa e erro, com a criação de sucessivas comissões, grupos de trabalho, conselhos circunstanciais – ou *ad hoc*, como então estava na moda chamar; entre 1980 e 1990, a fase do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), um organismo mastodóntico que começou mesmo por incluir as bibliotecas, verdadeira “vaca sagrada” dos anos 80, como lhe chamámos (Raposo 2021: 199-212); entre 1991 e 2005, a fase de “implosão” do IPPC, com a criação de sucessivos institutos mais pequenos, consagrados às diferentes áreas patrimoniais: museus (1991: Instituto Português dos Museus, IPM), arqueologia (1995: Instituto Português de Arqueologia, IPA), conservação e restauro (1999: Instituto Português de Conservação e Restauro, IPCR); entre 2006 e 2010, a fase dos primeiros recuos para novas concentrações administrativas: arquitectura e arqueologia (2006: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, de novo juntos, IGESPAR), museus, conservação e restauro (2007: Instituto dos Museus e da Conservação, IMC); entre 2011 e 2023, a fase do descabro total, pela reconstituição da velha “vaca sagrada” dos anos 80, baptizada, aliás e sintomaticamente, com uma designação próxima da que já tivera durante o período que antecedeu a democracia: Direcção-Geral do Património Cultural, DGPC. Veremos agora se o regresso a organismos especializados e de enquadramento administrativo legal mais “leve”, como a Museus e Monumentos de Portugal (Entidade Pública Empresarial) e o Património Cultural (Instituto Público),

processo iniciado em Janeiro deste ano quinquentenário de Abril, trará novo impulso criativo e cidadão aos museus, monumentos, palácios e sítios tutelados pela administração central, com impactes mais remotos em todo o tecido patrimonial português. Veremos, mas só outros o poderão avaliar no futuro.

Quanto à formação universitária nos domínios que estudam e validam cientificamente as colecções mais comuns nos museus, ou em património cultural e estudos de museus (Museologia), construiu-se uma rede muito completa, pública e privada, de graduação (e sobretudo de pós-graduação, no caso da Museologia), rede ademais distribuída por todo o país, do Minho ao Algarve.

Esta proliferação não contém, todavia, apenas aspectos positivos. Tendo em conta os últimos três anos académicos (de 2021 a 2023), verifica-se, ao nível da graduação inicial (1.º ciclo), que a média de acesso é substancialmente mais baixa nos cursos de Património (nota do último estudante colocado na 1.ª fase: 12,7), Programação (12,3) ou Animação Cultural (12,9), relativamente aos mais tradicionais, como História (15,5), História da Arte (14,7) ou Arqueologia (14,2), sendo a oferta de vagas semelhante (688/ano, na 1.ª fase de colocação, respectivamente para o conjunto dos primeiros, e 623/ano para o conjunto dos segundos). Médias de 15 valores na 1.ª fase para o último estudante à entrada encontram-se também nos cursos de Sociologia, Economia, Gestão ou Arquitectura, onde a oferta de vagas é incomparavelmente superior (3516 vagas anuais na 1.ª fase para o conjunto das quatro áreas). Ou seja, é evidente o menor apelo dos cursos específicos das áreas do património cultural para os estudantes, sendo ainda certo que na 2.ª fase apenas lograram colocar, no mesmo período observado, uma média de 74% das vagas disponíveis (quando nos restantes cursos aqui considerados houve mesmo necessidade de recorrer a reforço de vagas, conseguindo colocar 107% dos lugares inicialmente disponíveis para a 2.ª fase).

architecture of “being a museum” and the related public policies, one should add that it did not come out of nowhere, but rather was embedded in – while also documenting it – a particularly transformative moment of the State apparatus itself regarding cultural heritage. In fact, the phases it went through after the establishment of democracy can be briefly summed up as follows: between 1974 and 1980, the most creative phase of trial and error, with the creation of successive committees, working groups, and provisional advisory boards – or *ad hoc*, to use the preferred terminology at the time; between 1980 and 1990, the phase of the Portuguese Institute for Cultural Heritage (IPPC), a behemoth entity that even began to incorporate libraries, the true “sacred cow” of the 1980s, as we have called it elsewhere (Raposo 2021: 199-212); between 1991 and 2005, the phase of “implosion” of the IPPC, with the creation of successive smaller institutes, devoted to different heritage areas: museums (1991: Portuguese Institute for Museums, IPM), archaeology (1995: Portuguese Institute for Archaeology, IPA), conservation and restoration (1999: Portuguese Institute for Conservation and Restoration, IPCR); between 2006 and 2010, the phase of the first retreats towards renewed administrative concentrations: architecture and archaeology, joined together again (2006: Managerial Institute for Architectural and Archaeological Heritage, IGESPAR), museums, conservation and restoration (2007: Institute for Museums and Conservation, IMC); between 2011 and 2023, the phase of total disaster, due to the reinstatement of the old 1980s “sacred cow”, which – rather symptomatically – was given a similar name to the one it had during the period that preceded democracy: General Directorate of Cultural Heritage, DGPC. We shall now see if the return to specialized organisms with a “lighter” legal administrative framework, such as Museums and Monuments of Portugal (Public Business Entity) and Cultural Heritage (Public Institute), a process initiated last January, in this year of the fiftieth anniversary of April 25,

will bring new creative and civic impulse to the museums, monuments, palaces and sites protected by the central administration, with further and more indirect effects on the entire fabric of Portuguese heritage. We shall see, yes, but only others will be able to assess it in the future.

As for university education in the fields that study and scientifically validate the most common collections in museums, or in the areas of cultural heritage and museology studies, a very complete network, both public and private, of undergraduate (and especially, in the case of Museology, postgraduate) courses has been set up – and furthermore, a network that now covers the whole country, from Minho to Algarve.

However, this proliferation does not have positive aspects only. Considering the last three academic years (from 2021 to 2023), we observe that, at the initial undergraduate level (1st cycle), the average admission grade is considerably lower for Heritage courses (grade of the last student accepted in the first admission phase: 12,7), Programming (12,3) or Cultural Animation (12,9), than for the more traditional ones, such as History (15,5), Art History (14,7), or Archaeology (14,2), with the number of vacancies being similar (688/year, in the 1st admission phase, for the first set of courses, and 623/year for the second set). An average grade of 15 for the last student accepted in the 1st phase of admission is also observed in Sociology, Economy, Business Management, or Architecture courses, where the number of vacancies is incomparably higher (a total of 3 516 annual vacancies in the 1st admission phase for the four courses). In other words, the lesser appeal to students of specific courses in the field of cultural heritage is evident, and it is also true that in the 2nd admission phase, for the same period considered, only an average of 74% of the available vacancies were filled (while in the other courses considered here, there was even a need to increase the number of vacancies, with 107% of the initially available vacancies for the 2nd phase being filled).

Relativamente à formação de pós-graduação, em levantamento que fizemos em 2020, contámos vinte e cinco mestrados de 2.º ciclo em Património e/ou Museologia (Raposo 2012: 545), com frequentes ligações aos Estudos de Arte, Design e Cultura Visual, Território, Conservação e Restauro, Gestão, Turismo, Multimédia, Sociedade da Informação, etc., etc. Esta diversidade, que se estende aos *curricula* e aos (des)equilíbrios entre disciplinas expositivas e seminários, ou entre formação teórica e formação prática, poderia representar um benefício... mas acaba por gerar um sentimento algo caótico e de incompletude, traduzido igualmente em médias mais baixas de ingresso, porque muitos jovens continuam a procurar formações longamente sedimentadas, porventura mais generalistas, mas em relação imediata seja com os saberes que tradicionalmente estudam as colecções dos museus, seja com as disciplinas onde, de origem e mais aprofundadamente (Sociologia, Antropologia, Ciências Educativas e Comunicação, etc.), se desenvolvem as dimensões sociais, educativas e comunicacionais presentes nas actividades dos museus. Seja como for, verifica-se que nos últimos anos, e pela primeira vez de forma significativa, os museus portugueses começam a possuir profissionais jovens, com formação em estudos de museus – o que só pode ser encarado como positivo.

Museus Nacionais: avanços e recuos

Quanto aos museus nacionais, eles mereceriam por si só uma análise em separado, que não é possível realizar neste texto. A situação portuguesa, marcada por uma longa e estável

acumulação histórica, dentro dos quadros que tradicionalmente definem uma “nação” (território, língua, povo), deu origem a uma situação em que os museus se revelaram desnecessários para a afirmação de uma identidade nacional (contrariamente ao que se passava em praticamente toda a Europa Central e Oriental), atenuando um especial ímpeto para a criação de museus nacionais de carácter holístico, como aconteceu em grande parte da Europa de oitocentos e novecentos, sobretudo até à Grande Guerra. Assim, os museus nacionais foram sendo constituídos nos termos da tradicional divisão científica disciplinar dos saberes: Belas-Artes, Arqueologia, Ciências Naturais... Mas também aqui o sopro democrático trouxe novidade, porque se criaram museus nacionais de recorte temático diverso: Traje (1976), Azulejo (1980), Teatro (1982), Música (1994)... Todos somados, reúnem as mais importantes colecções de referência, entre as quais a esmagadora maioria dos chamados “tesouros nacionais”.

Estes “grandes museus” – que se qualificaram, sobretudo ao nível dos discursos expositivos, reservas e recursos laboratoriais, e passaram também a participar activamente em redes internacionais – sempre se debateram, todavia, com magnos problemas durante o meio século que agora passa, problemas que amiúde se agravaram, como é o caso das instalações (situação que se espera minorar através dos programas de financiamento com fundos europeus actualmente em curso). Acresce a falta de recursos orçamentais, de quadros de pessoal e, sobretudo, a degradação da sua própria identidade autónoma – dimensões que traduzem recuos relativamente aos anos mais criativos da democracia.

As for postgraduate education, in a survey we carried out in 2020, we counted twenty-five 2nd cycle master's degrees in Heritage and/or Museology (Raposo 2012: 545), often in connection with a variety of courses in the fields of Art, Design and Visual Culture, Territory, Conservation and Restoration, Business Management, Tourism, Multimedia, Information Society, etc., etc. This diversity, which extends to the curricula and the (im)balances between expository disciplines and seminars, or between theoretical and practical training, could represent a benefit... but it ends up producing a feeling of confusion and incompleteness, which is also reflected in lower admission grades, because many students continue to prefer long-established courses – more generalist, perhaps, but closely connected to those fields that traditionally study museum collections, or to the disciplines where, originally and in greater depth, the social, educational and communicational dimensions present in museum activities are developed. Be that as it may, it seems that in recent years, and for the first time in a significant way, Portuguese museums are beginning to employ young professionals with training in museum studies, which can only be regarded as positive.

National Museums: advances and setbacks

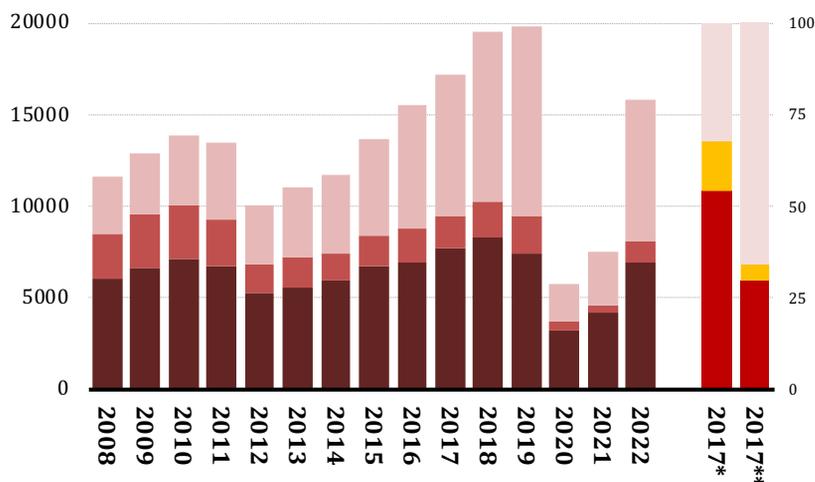
As for national museums, they would deserve a separate discussion, which is not possible in the present article. The Portuguese situation, marked by a long and stable historical accumulation, within the frameworks that traditionally

define a “nation” (territory, language, people), produced an environment where museums proved unnecessary for the affirmation of a national identity (contrary to what was happening in practically all of Central and Eastern Europe), lessening the impetus for the creation of national museums of a holistic nature, as was the case in much of Europe in the 1800s and 1900s, especially until the outbreak of World War I. Therefore, national museums were established in accordance with the traditional scientific disciplinary division of knowledge: Fine Arts, Archaeology, Natural Sciences... But here, too, the breath of democracy brought new things, because national museums with a diverse thematic focus were created: Costume (1976), Tile (1980), Theatre (1982), Music (1994)... All together, they hold the most important reference collections, including the overwhelming majority of the so-called “national treasures”.

Nevertheless, these “great museums” – which have developed in qualification, particularly in terms of expository discourses, reserves and laboratorial resources, and also became actively involved in international networks – have always struggled with major difficulties in this last half century, difficulties which have often worsened, as is the case with their installations (a situation which is expected to be mitigated through financing programs with European funds currently underway). Furthermore, there is a lack of budgetary resources and of qualified personnel, as well as, most notably, a degradation of their autonomous identity – dimensions that reflect setbacks in comparison to the more creative years under democracy.

Gráfico/Graph 3

Número de visitantes portugueses, escolares e estrangeiros aos museus portugueses, entre 2008 e 2022.
Number of visitors (Portuguese, students, and foreign) to Portuguese museums, from 2008 to 2022.



Outra dimensão da realidade dos museus é a do impacto do turismo internacional na vida do país. Os museus nacionais são os que mais têm dele beneficiado nas duas últimas décadas. O gráfico 3 assinala como o aumento dos públicos se tem feito em grande parte pelo crescimento do segmento “estrangeiros”, que seria muito mais acentuado se observássemos apenas os museus nacionais, nos quais os estrangeiros representavam em 2017 quase dois terços do total (*Relatório 2020*: 32), devendo depois ter ultrapassado bastante essa proporção. De notar ainda a redução relativa do segmento “grupos escolares” nos últimos anos – um elemento especialmente negativo no que respeita a visitas promovidas pelas comunidades escolares, que não são compensadas por um aumento dos programas dos serviços educativos dos museus, lá onde eles existem e são activos.

De todos estes indicadores resulta o reforço da convicção de que os museus nacionais ficaram um pouco para trás no que se refere ao “abrir das portas” à sociedade – uma das principais ambições, e utopias, de Abril. E se não fosse suficiente o que fica dito, bastaria observar o perfil de literacia dos seus visitantes para o consciencializar plenamente. Aqui, verifica-se que mais de dois terços dos visitantes são universitários (os quais não chegam a constituir um quinto da população) e somente uma quase vestigial percentagem deles são detentores apenas de estudos básicos (sendo que constituem mais de metade da população portuguesa).

Seja como for, os museus nacionais, por mais importantes que sejam, e são, estão longe de

representar o universo dos museus portugueses e o apego popular aos mesmos. Como aqui temos vindo a afirmar, o verdadeiro sopro democrático foi e é aqui expresso pela proliferação de centenas de museus por todo o território – museus de comunidade, ecomuseus, museus locais, etc. –, onde dá gosto estar (mais do que visitar) e que em certos casos substituíram até o papel agregador das antigas “casas do povo”. O impulso para a sua criação foi tal que hoje os mapas da distribuição de museus em Portugal (v. *Inquérito 2000*, *Panorama 2013*), seja por unidade administrativa (concelho), seja por número de habitantes, são dos poucos indicadores em que se esbate a litoralização e a concentração nas cidades, que estão na base de muitos dos mais importantes desequilíbrios no desenvolvimento do país.

Praticamente não há hoje em Portugal terra que não tenha o seu museu ou, frequentemente, vários museus. No seu conjunto, eles constituem a mais ampla, disseminada e, por via disso, democrática rede de equipamentos culturais que colectivamente construímos. Dela nos devemos orgulhar.

* Arqueólogo. Membro do Conselho Executivo do ICOM – International Council of Museums. Vice-presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Another dimension of the reality of museums is the impact of international tourism on the country as a whole. In fact, museums are among the sectors which have benefited the most from it in the last two decades. Graph 3 shows how the increase in audiences has been chiefly due to the growth of the “foreign” segment, which would be even stronger if we would only consider national museums, in which foreign visitors represented almost two thirds of the total in 2017 (*Relatório 2020*: 32) and must have largely exceeded this proportion in the following years. One should also point out the relative decrease of the “school groups” segment in recent years – a particularly negative aspect regarding visits promoted by school communities, which has not been counteracted by an increase in educational programs at those museums equipped to provide such services.

These indicators reinforce the conclusion that national museums have fallen a little behind when it comes to “opening their doors” to society – one of the main ambitions, and utopias, of April. And if the above were not enough, one would only have to consider the educational profile of museum visitors to be fully convinced. In this regard, we observe that more than two thirds have university studies (an educational level attained by less than a fifth of the population), while a minimal percentage have only basic education (a category that makes up more than half of the Portuguese population).

Be that as it may, national museums, regardless of their undeniable importance, are far from representing the world of Portuguese museums

and the popular attachment to them. In this context, as stated throughout this article, the true breath of democracy was and is conveyed by the proliferation of hundreds of museums throughout the whole country – community museums, eco-museums, local museums, etc. These are places where it is a pleasure to be (more than just to visit), and that, in certain cases, have even took on the social role of the old *Casas do Povo* (“People’s Houses”). The impetus for their creation was such that, today, the maps of distribution of Portuguese museums (see *Inquérito 2000*, *Panorama 2013*), whether by administrative unit (municipality) or by number of inhabitants, are one of the few indicators with low levels of coastalization and urban concentration, which are at the core of many of the main imbalances in the country’s development.

Today, there is practically no town in Portugal that does not have its own museum or, often, several museums. Together, these constitute the broadest, most widespread and, therefore, most democratic network of cultural facilities that we have collectively built. We should be proud of it.

* Archaeologist. Member of the Executive Board of ICOM – International Council of Museums. Vice-president of the Board of the Association of Portuguese Archaeologists.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Camacho, C. (2014) – “Na senda das redes: caminhos e descaminhos da Museologia no Portugal democrático”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Volume XIII, pp. 249-259, Porto.
- Claro, J.M. (2017) – “Lei-Quadro dos Museus Portugueses. Breves notas sobre os princípios estruturantes e a sua aplicação desde 2004”, *Revista Lusíada. Direito*, n.º 19, pp. 33-46, Lisboa.
- Inquérito aos Museus em Portugal* (2000). Ed. IPM, Lisboa.
- Macedo, S.C. (2018) – *Associações de Defesa do Património em Portugal (1974-1997)*. Ed. Caleidoscópio, Lisboa.
- O Panorama Museológico em Portugal* (2013). Ed. DGPC, Lisboa.
- Raposo, L. (2014) – “O papel do associativismo na construção de uma política democrática de museus”, *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Volume XIII, pp. 261-274, Porto.
- Raposo, L. (2021) – *Arqueologia, Património e Museus. Meio Século de Intervenção Cívica e Cultural*, pp. 265-267. Ed. Colibri, Lisboa.
- Relatório do Grupo de Projecto Museus no Futuro* (2020). Ed. DGPC, Lisboa.
- Relatório do Grupo de Trabalho sobre a Rede Portuguesa de Museus* (2023). Ed. DGPC, Lisboa.

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Cartaz da Campanha Nacional para a Defesa do Património, que teve lugar em 1980, com a palavra de ordem: “Para o teu futuro, protege hoje o património”.

Figura 2 As três séries do *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, entre Junho de 2001 e Dezembro de 2011.

Gráfico 1 Número de museus em Portugal, entre 1961 e 2022. As barras em tracejado, a partir de 2001, realizam a correcção teórica da série, que se vê artificialmente reduzida em resultado da alteração de critérios mais selectivos. Fonte: INE e PORDATA.

Gráfico 2 Número de visitantes aos museus em Portugal, entre 1961 e 2022. Barras azuis: museus (visitantes, em milhares); linha amarela: títulos publicados; linha vermelha: cinema (espectadores por milhar de habitantes); linha ocre: espectáculos ao vivo (espectadores, em milhares); linha creme: teatro (espectadores em milhares). De notar os decréscimos em 2009, resultante da alteração de critérios mais selectivos de série, e em 2020, resultante do impacte da pandemia de covid-19. Fonte: INE e PORDATA.

Gráfico 3 Número de visitantes portugueses, escolares e estrangeiros aos museus portugueses, entre 2008 e 2022. Valores em milhares. Barra mais escura: portugueses; barra intermédia: em grupo escolar; barra mais clara: estrangeiros. Em colunas destacadas, apresentam-se os valores em percentagens para os museus, monumentos e palácios nacionais (**) e para os restantes museus portugueses (*), em 2017. De notar ainda o decréscimo em 2020, resultante do impacte da pandemia de covid-19. Fonte: INE e *Relatório 2020*.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- Camacho, C. (2014) – “Na senda das redes: caminhos e descaminhos da Museologia no Portugal democrático”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Volume XIII, pp. 249-259, Porto.
- Claro, J.M. (2017) – “Lei-Quadro dos Museus Portugueses. Breves notas sobre os princípios estruturantes e a sua aplicação desde 2004”, *Revista Lusíada. Direito*, n.º 19, pp. 33-46, Lisbon.
- Inquérito aos Museus em Portugal* (2000). Ed. IPM, Lisbon.
- Macedo, S.C. (2018) – *Associações de Defesa do Património em Portugal (1974-1997)*. Ed. Caleidoscópio, Lisbon.
- O Panorama Museológico em Portugal* (2013). Ed. DGPC, Lisbon.
- Raposo, L. (2014) – “O papel do associativismo na construção de uma política democrática de museus”. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, Volume XIII, pp. 261-274, Porto.
- Raposo, L. (2021) – *Arqueologia, Património e Museus. Meio Século de Intervenção Cívica e Cultural*, pp. 265-267. Ed. Colibri, Lisbon.
- Relatório do Grupo de Projecto Museus no Futuro* (2020). Ed. DGPC, Lisbon.
- Relatório do Grupo de Trabalho sobre a Rede Portuguesa de Museus* (2023). Ed. DGPC, Lisbon.

ILLUSTRATIONS

Figure 1 Poster of the National Campaign for the Defence of Heritage, launched in 1980, under the slogan: “For your future, protect heritage today”.

Figure 2 The three series of *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, published from June 2001 to December 2011.

Graph 1 Number of museums in Portugal, from 1961 to 2022. The dashed bars, from 2001 onwards, represent the theoretical correction of the series, which is artificially reduced due to the introduction of more selective criteria. Source: INE and PORDATA.

Graph 2 Number of visitors to museums in Portugal, from 1961 to 2022. Blue bars: museums (visitors, in thousands); yellow line: publications; red line: cinema (spectators per thousand inhabitants); brown line: live shows (spectators, in thousands); beige line: theatre (spectators, in thousands). Note the decreases in 2009, resulting from the introduction of more selective series criteria, and in 2020, resulting from the effects of the covid-19 pandemic. Source: INE and PORDATA.

Graph 3 Number of visitors (Portuguese, students, and foreign) to Portuguese museums, from 2008 to 2022. Figures in thousands. Darker bar: Portuguese; intermediate bar: students; lighter bar: foreign. The highlighted columns show the numbers in percentages for the national museums, monuments, and palaces (**) and for the remaining Portuguese museums (*), in 2017. Also worth noting is the decrease in 2020, resulting from the effects of the covid-19 pandemic. Source: INE and *Relatório 2020*.



RESUMOS
ABSTRACTS



COMUNICAÇÕES PRINCIPAIS

KEYNOTE SPEECHES

Iluminismo, cidadania e a origem dos Museus Nacionais **The Enlightenment, citizenship, and the origin of National Museums**

Emma Nardi

(Presidente do ICOM/President of ICOM), Itália/Italy

A *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* representa uma nova tendência cultural no século XVIII, testemunhando as necessidades de uma nova classe social: a burguesia ativa e prolífica, em oposição à antiga aristocracia e ao seu estilo de vida opulento e ocioso. Esta mudança social constitui uma das causas da Revolução Francesa que, em 1789, transformou o mundo de modo irreversível. No campo cultural, a instrução primária gratuita para todos os cidadãos e o acesso público às antigas coleções reais foram alguns dos resultados das políticas democráticas do governo revolucionário.

The French *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* represents a new cultural trend in the XVIII century, witnessing the needs of a new social class: the productive bourgeoisie, as opposed to the lazy and luxurious life of the old nobility. This social change is one of the causes of the French Revolution which, in 1789, transformed the world in an irreversible way. In the cultural field, free primary education for all and public access to the former royal collections were the results of the democratic policy of the revolutionary government.

Património Cultural: Bem comum da humanidade

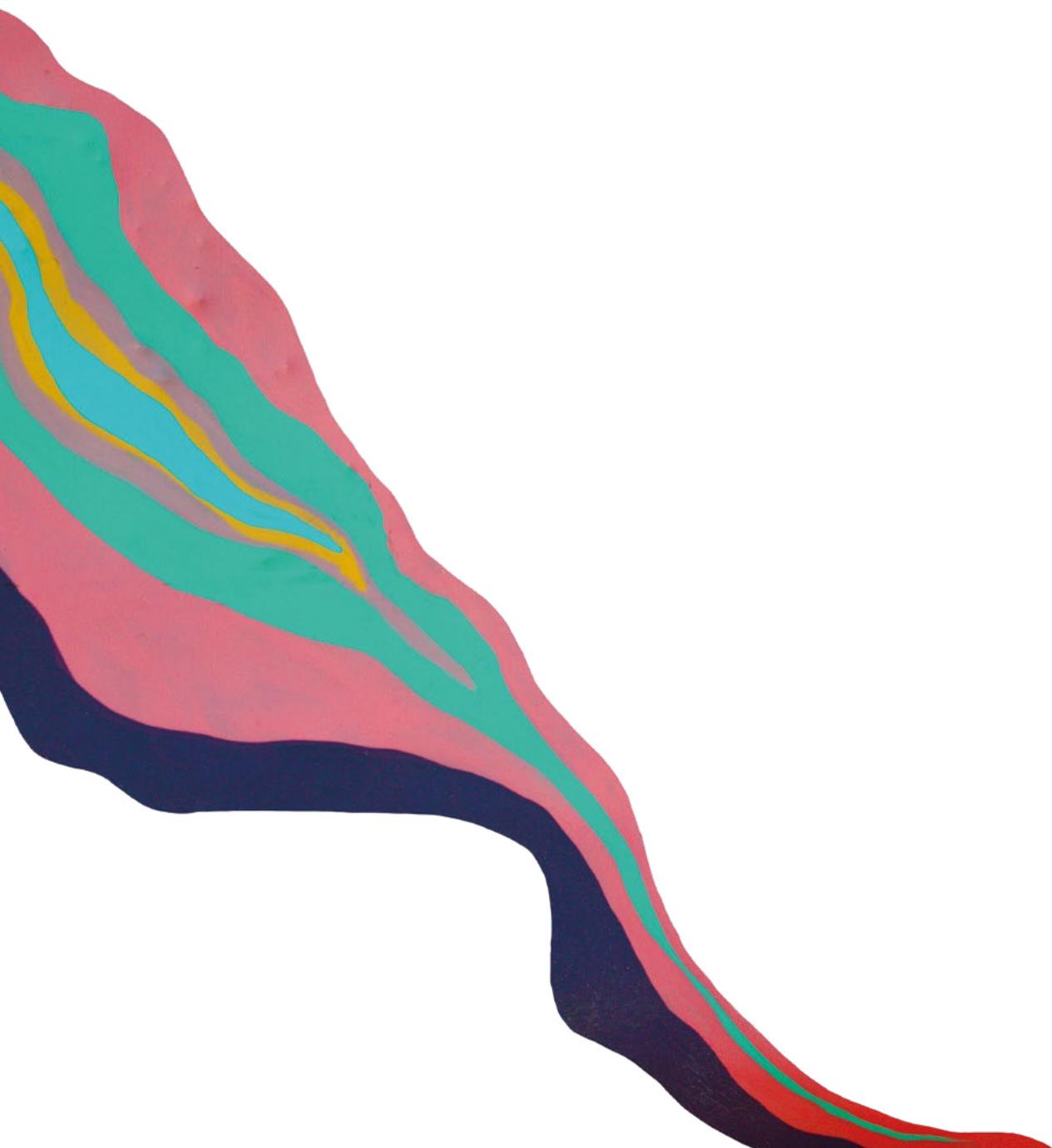
Cultural Heritage: Common good of humanity

Guilherme d'Oliveira Martins

(Presidente do grupo de trabalho da Convenção de Faro /Head of the Faro Convention working group), Portugal

A noção de Património Cultural assume nos dias de hoje uma importância fundamental como fator de desenvolvimento humano, de sustentabilidade cultural, de cidadania e de preservação da diversidade e do diálogo entre a herança e a memória dos vários Estados e povos, numa perspetiva de abertura, cooperação e respeito mútuo. De acordo com a Convenção do Conselho da Europa sobre o valor do Património Cultural na sociedade contemporânea, assinada em Faro em outubro de 2005 e entrada em vigor em 2011, o Património Cultural envolve o património material e imaterial, a natureza e a paisagem, o património digital e a criação contemporânea – o que se traduz numa realidade viva e complexa capaz de preservar o respeito pelo legado recebido das gerações passadas e o reconhecimento da responsabilidade na sua renovação e transmissão às gerações futuras, com salvaguarda dos direitos e deveres fundamentais. O Património Cultural não é questão do passado, mas do presente e do futuro. Para a Convenção de Faro há, assim, uma responsabilidade cívica de todos para garantir um entendimento do património como realidade comum de todos, e não exclusiva de uma comunidade ou de uma cultura. Enquanto bem comum da humanidade, trata-se de realizar, pelo respeito mútuo, a mobilidade das pessoas, o que obriga à hospitalidade e à solidariedade.

Today, the notion of Cultural Heritage takes on a fundamental importance as a factor of human development, cultural sustainability, citizenship, and preservation of the diversity and dialogue between heritage and the memory of different states and peoples, in a perspective of openness, cooperation and mutual respect. According to the Council of Europe Convention on the value of Cultural Heritage for contemporary society, signed in Faro on October 2005 and put into effect in 2011, Cultural Heritage encompasses both tangible and intangible elements, the landscape and natural environment, digital heritage and contemporary art creation – which translates into a lively and complex reality, capable of preserving and respecting the legacy from past generations and recognizing the responsibility of renewing and transmitting it to future generations, while safeguarding the fundamental rights and duties. Cultural Heritage is not a matter of the past, but rather of the present and the future. For the Faro Convention, therefore, we all share a civic responsibility to ensure an understanding of heritage as a universal common reality, and not as exclusive of a particular community or culture. As a common good of all mankind, it must also ensure, through mutual respect, the mobility of people, which requires hospitality and solidarity.



SESSÃO 1

SESSION 1

Museus e cidadania em tempos de incerteza
Museums and citizenship in times of uncertainty

Criar melhores cidadãos: Os museus enquanto agentes de mudança

Making better citizens: Museums as agents of change

Deborah Tout-Smith

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Austrália/Australia

De que modo podem os museus contribuir para a criação de melhores cidadãos? O que significa ao certo ser-se “melhor cidadão”? A presente comunicação explora os contratos sociais subjacentes ao trabalho dos museus, que inclui fomentar a inclusão mediante o envolvimento das comunidades, cultivar a diversidade na criação e desenvolvimento de exposições e coleções, e incentivar os seus profissionais. Analisaremos alguns exemplos passados e presentes de projetos museológicos desenvolvidos na região do Pacífico, focando em particular o caso da Austrália.

How can museums make better citizens? What does it mean to be a better citizen? This paper will explore the social contracts that underpin the work of museums, including promoting inclusivity through engagement with communities, seeking out diversity in the development of exhibitions and collections, and the nurturing of staff. The paper will include examples of past and present museum activities in the Pacific region, focusing on Australia.

Entre a espada e a parede: Museus ingleses e escoceses em tempos de populismo

Stuck between a rock and a hard place: English and Scottish museums in times of populism

Steph Scholten

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Reino Unido/United Kingdom

Nestes últimos anos, a evolução da paisagem política tem colocado crescentes desafios aos museus. Com a ascensão do populismo em muitos países, a cultura tem sido instrumentalizada pela classe política nas chamadas “Guerras Culturais”, dificultando a tarefa a muitos diretores de museus que ambicionam tornar as suas instituições mais relevantes para uma audiência mais ampla e diversificada. A situação levanta questões importantes sobre o grau de autonomia que, de acordo com o ICOM, deverá ser concedido aos museus. O nosso estudo analisa especificamente alguns exemplos da Escócia e da Inglaterra, países cujos governos têm desenvolvido diferentes abordagens na gestão dos museus sob a sua tutela.

In recent years, it has become more and more difficult for museums to navigate the political landscape. With populism on the rise in many countries globally, culture is being weaponised by politicians in so-called “Culture Wars”, challenging the desire of many museum leaders to make their institutions more relevant for more diverse audiences. It raises important questions about the autonomy that museums should be granted, according to ICOM. This paper will specifically use examples from Scotland and England, where governments are choosing diverging approaches to the museums under their authority.

Os museus como agentes de mudança e de capacitação das comunidades locais

Museums as actors of change and local empowerment

Kaja Sirok

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Eslovénia/Slovenia

Quando debatemos o papel dos museus na concretização de objetivos de desenvolvimento sustentável, é crucial compreender que tal esforço requer o envolvimento de todos os sectores da sociedade. Os museus desempenham um papel vital de apoio à mudança positiva no seio das comunidades, servindo e incentivando a participação do público. A sua missão excede as funções que lhes eram tradicionalmente atribuídas, desenvolvendo abordagens inovadoras às questões da desigualdade e da exclusão social, com vista à inclusão de grupos marginalizados. A adoção global da nova definição de museu constitui um esforço colaborativo, refletindo a nossa responsabilidade coletiva de zelar pela conservação e gestão do património cultural no seu todo. Enquanto contribuidores fundamentais para o bem-estar da sociedade, os museus devem atuar em prol da acessibilidade, da inclusão e da diversidade, seguindo os princípios do desenvolvimento sustentável.

O verdadeiro potencial dos museus está na capacidade de se afirmarem como agentes de mudança, forjando conexões e fomentando a coesão social, em vez de funcionarem apenas como entidades passivas ligadas ao passado. Quando penso no museu do futuro, imagino-o como um espaço dinâmico de memórias partilhadas, onde as histórias do nosso passado coletivo não são meros artefactos históricos, mas narrativas vivas que transcendem gerações, interligando-as de modo orgânico. Este museu voltado para o futuro torna-se assim um centro vital que procura ativamente o diálogo com os visitantes, encorajando a sua participação e estimulando um sentido de continuidade e de conhecimento partilhado que transcende as épocas, construindo pontes entre o passado, o presente e o futuro.

Esta comunicação centrar-se-á em exemplos de inclusão do público nos processos de desenvolvimento de coleções e de curadoria de novas exposições. Tais projetos assentam num esforço de cooperação intergeracional e intercultural, criando fóruns acessíveis a todos os que desejem ser ouvidos.

When discussing the role of museums in achieving sustainable development goals, it is crucial to understand that these goals require the involvement of every segment of society. Museums play a vital role in fostering positive change within the community by actively serving and engaging with the public. Their mission extends beyond traditional roles, aiming to contribute to innovative approaches for addressing issues of inequality, social exclusion, and the inclusion of marginalized groups. The global adoption of the new museum definition is a collaborative endeavour, reflecting the collective responsibility we share towards our commitment to preserve and take care of all cultural heritage. As crucial contributors to societal well-being, museums operate with accessibility, inclusivity, and the promotion of diversity at their core, aligning with the principles of sustainable development.

The true potential of museums lies in their capacity to act as agents of change, forging connections and fostering unity rather than serving as passive entities associated with the past. Envisioning the museum of the future, I imagine it as a dynamic space of shared memories, where stories about our collective past are not mere historical artifacts but living narratives that transcend generations, seamlessly connecting them. This forward-looking museum becomes a vibrant hub that actively engages visitors, encouraging participation and fostering a sense of continuity and shared understanding that transcends time, creating a bridge between the past, the present, and the future.

The presentation will focus on examples of citizen participation in the process of expanding collections and curating new exhibitions. These instances are built on intergenerational and intercultural cooperation, providing a platform for everyone who wishes to be heard.

O museu e o exercício da democracia

The museum and the exercise of democracy

Alexandre Chevalier

(Membro do Conselho Europeu do ICOM/ICOM Europe Board member), Bélgica/Belgium

Como sabemos, na Grécia antiga o museu era a “Casa das Musas”, ou seja, uma instituição dedicada ao estudo e à prática das artes, vindo mais tarde a associar-se a lugares de ensino e aprendizagem como a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles. Estas instituições eram parte integrante da “polis” e, assim, da “democracia”.

Lugares de preservação de objetos ou memórias, os museus são, antes de mais, espaços de confronto de ideias e convicções, de troca de experiências, de aprendizagem e educação (no sentido de formar, orientar, instruir ou estimular o desenvolvimento intelectual). Em suma, lugares de conhecimento.

Regra geral, lugares de conhecimento como os museus, as escolas e as universidades estão intimamente associados a períodos ou movimentos de emancipação social e política (embora muitos deles fossem também instituídos com vista a formar “élites locais” para a administração das colónias). Por exemplo, muitas academias foram estabelecidas no seguimento da Reforma Protestante do século XVI, ou logo após a criação das nações europeias no século XIX, com o duplo objetivo de emancipar o indivíduo através da educação e de o capacitar para agir e intervir como membro plenamente responsável de uma dada sociedade.

Assim, não nos surpreende ler a seguinte inscrição na fachada do novo edifício da Universidade de Genebra: “Ao dedicar este edifício ao ensino superior, o povo de Genebra presta homenagem aos benefícios da educação, o garante fundamental das suas liberdades.” Os exemplos e as referências à ligação entre educação/conhecimento e democracia são numerosos.

Não é, pois, um sofisma afirmar que lugares de conhecimento como os museus são lugares de democracia – ou seja, lugares onde podemos aprendê-la, defendê-la e exercitá-la! Assim, em 2024 o ICOM Bélgica lançou um movimento em prol do estabelecimento de mesas de voto (das eleições europeias, nacionais e locais) não apenas em escolas e edifícios oficiais, mas também em museus. Uma iniciativa que tem enfrentado algumas dificuldades...

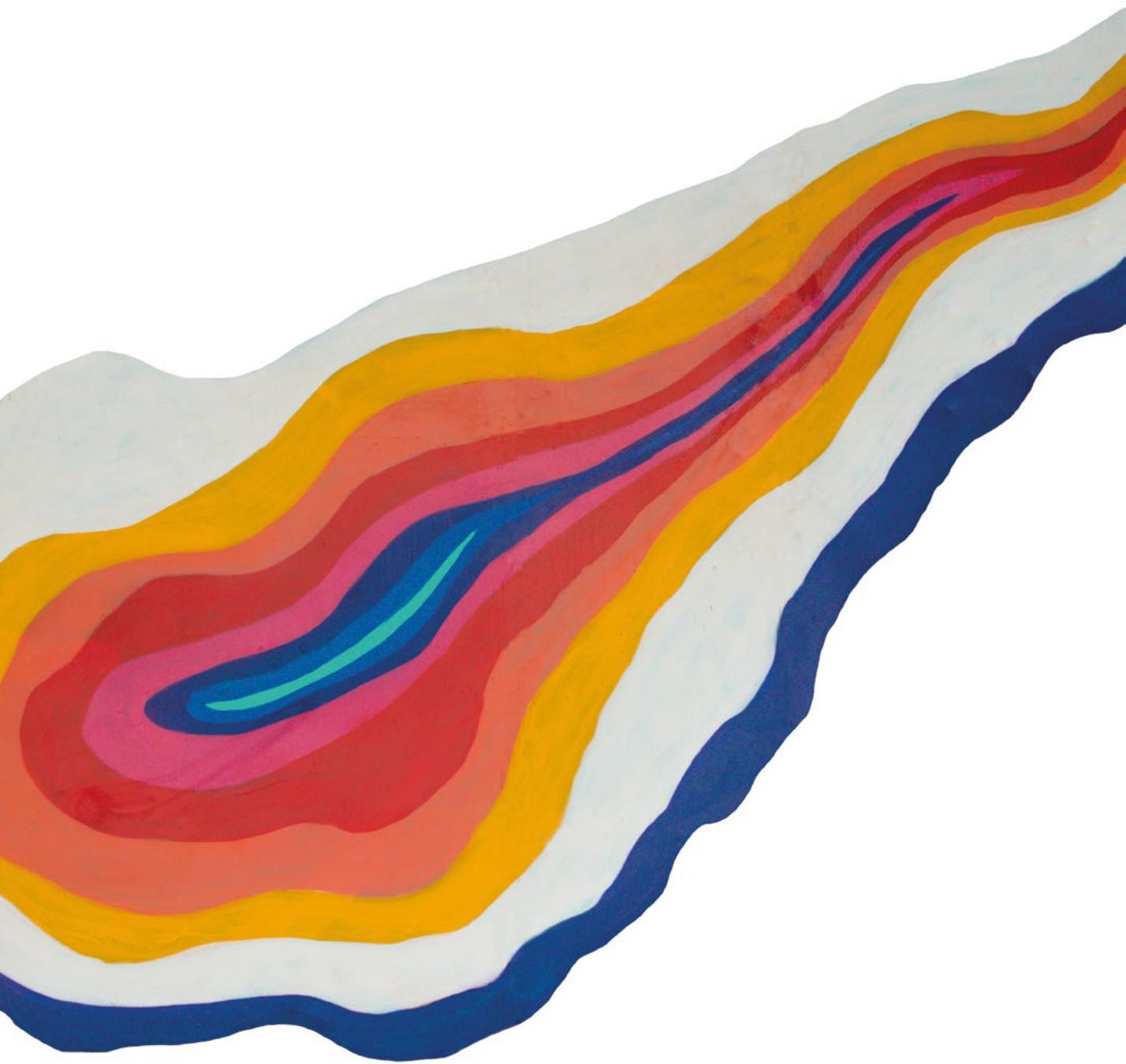
As we all know, the museum is a place and institution that, in ancient Greece, was originally dedicated to the Muses, that is: related to the study and practice of the Muses’ arts, and eventually later associated with sites of learning such as Plato’s Academy and Aristotle’s Lyceum. These institutions were an integral part of the “polis” and therefore of “democracy”.

While museums are about the preservation of objects or memories, they are first and foremost places of confrontation of ideas and beliefs, exchanges of experiences, learning and education (in the sense of bringing up, lead out, train, or mentally nourish). In other words, a place of knowledge.

Places of knowledge, such as museums, colleges or universities are usually tightly linked to social and political emancipation movements or periods (although a lot are also set up to create “local elites” to manage foreign territories). For instance, many academies were established on the wake of the Protestant Reform in the 16th century, or right after the creation of European nations in the 19th century, with the goal of both freeing the individual through education and giving him the possibility to act and behave as a fully responsible actor of a given society.

It is therefore not surprising to read on the frontage of the University of Geneva’s new building: “By dedicating this building to higher education, the people of Geneva are paying tribute to the benefits of education, the fundamental guarantee of their freedoms.” Examples and mentions of the link between education/knowledge and democracy are plentiful.

It is not a sophism then to say that places of knowledge such as museums are places for democracy: to learn it, to defend it, and to practice it! ICOM Belgium therefore tried to initiate in 2024 a movement to have polling places for European, national and regional elections not only in schools, or official buildings, but also in museums. Not without difficulties...



SESSÃO 2

SESSION 2

Os museus e a democracia
Museums and democracy

Acessibilidade, participação, cidadania ativa: A política e os profissionais dos museus

Accessibility, participation, active citizenship: Policy and museum professionalism

Giuliana Ericani

(Presidente do ICOM Europa/ICOM Europe President), Itália/Italy

A nova definição do ICOM atribui aos museus novos e importantes papéis *vis-à-vis* os seus públicos e, em geral, os cidadãos que reconhecem nesta instituição o espelho no qual se refletem a sua história e a sua memória, e um espaço de construção civilizacional que, partindo dessa base, assume os seus erros e legados no intuito de crescer democraticamente.

A importância dos museus para o desenvolvimento democrático dos povos é reconhecida pela classe política, que não aceita perder o controlo sobre esse mesmo processo e os profissionais que o levam a cabo. Daí a crescente interferência dos políticos, em Itália e não só, nas nomeações dos corpos diretivos dos museus, nomeações essas que deveriam obedecer apenas a critérios de competência e capacidade administrativa.

Se de facto se pretende que os museus desempenhem um crescente papel no desenvolvimento de uma cidadania ativa, tal responsabilidade deverá caber a profissionais escolhidos com base nas suas competências científicas e de gestão; a interferência da política nos processos de seleção desses quadros ameaça transformar conceitos como acessibilidade, participação e cidadania ativa em termos retóricos desprovidos de qualquer real significado.

The new ICOM definition recognizes in museums new and important roles *vis-à-vis* their publics and, in general, the citizens who recognize in the museum institution the mirror in which their own history and memory are reflected and upon which a civilization can be built fully acknowledging its errors and legacies in order to grow democratically.

The importance assumed by museums in peoples' path towards democratic development is recognized by the political class, who refuses to lose control over the process itself and the professionals who carry it out. Hence an increasing interference on the appointments of the museums' top management staff, in Italy and elsewhere, appointments that should be exclusively based on the competence and management skills of those professionals.

If active citizenship in museum activities is to be a growing process, this must be the responsibility of museum professionals chosen solely for their scientific and managerial skills; the interference of politics in the recruitment processes risks transforming concepts such as accessibility, participation and active citizenship into rhetorical terms without any real meaning.

Justiça pela cidadania: O Parque da Paz 4-3 de Jeju, na Coreia

Justice through citizenship: Jeju 4-3 Peace Park in Korea

Inkyung Chang

(Vice-presidente do ICOM/ICOM Vice-president), Coreia do Sul/South Korea

Desde o período colonial japonês até aos nossos dias, os conceitos de democracia e justiça têm marcado profundamente não apenas a política coreana, mas também os sentimentos dos cidadãos comuns. Esforços de retificação de omissões e lacunas da história têm resultado na criação de museus com propósitos políticos. Na base desses esforços têm estado o apoio e o empenho constantes da população civil. Caso exemplar, o Parque da Paz 4-3 de Jeju foi fundado para repor a verdade sobre o conflito armado e os massacres de civis que aí ocorreram entre 1947 e 1954, e assim fazer justiça às vítimas e suas famílias.

O museu assinala de modo vívido esse período trágico que não consta nos manuais escolares, apelando à necessidade de evitar que episódios semelhantes se repitam. O facto de cidadãos comuns e familiares das vítimas unirem esforços na criação de um museu que visa restabelecer a verdade histórica e defender os direitos humanos faz de Jeju um exemplo com implicações importantes para os casos de massacres de civis que continuam a ocorrer em muitas regiões do mundo.

From the Japanese colonial period to the present, the realization of democracy and justice has greatly influenced not only Korean politics but also the sentiments of ordinary citizens. Efforts to correct unwritten history and forgotten facts are in force, developing museums with political purposes. The constant efforts and support of citizens are the basis of these endeavours. In particular, Jeju 4-3 Peace Park was established to restore the truth about the armed conflict and the massacre of civilians over a seven-year period, from 1947 to 1954, and to comfort the victims and their families.

The museum vividly evokes this tragic time, which is not covered in textbooks at all, and teaches a lesson that this kind of atrocities should never happen again. The fact that the victims, their families, and common citizens are working together to establish a museum aiming to set down the historical truth and to take a stand for human rights has significant implications for the civilian casualties that are still occurring in many parts of the world.

Os museus como centros dinamizadores de participação cívica: Exemplos das Américas

Museums as hubs for civic engagement: Examples from the Americas

Antonio Rodriguez

(Presidente do Conselho Consultivo do ICOM/ICOM Advisory Council Chair), EUA/USA

Num mundo pós-pandemia, os museus desempenham funções de importância capital no apoio à democracia, proporcionando espaços seguros para o diálogo com as comunidades e estimulando a participação cívica. Por todo o continente americano, os museus são hoje chamados a atuar como catalisadores culturais, facilitando a expressão de vozes individuais e a construção do conhecimento coletivo. Nos Estados Unidos, por exemplo, os museus têm desempenhado um papel ativo no atual clima político global, reforçando o seu enorme contributo nos domínios da educação, da criação de emprego, do desenvolvimento económico, do turismo ou da preservação do património nacional, entre outros. Mediante projetos de ativismo social e de desenvolvimento de competências, os profissionais dos museus norte-americanos constituem uma poderosa voz coletiva, trabalhando juntos em benefício de comunidades de todo o país.

A presente comunicação incluirá exemplos de programas e iniciativas de ativismo social implementados nos Estados Unidos que ilustram mudanças recentes no papel dos museus e evidenciam a sua importância na sociedade atual. Se o tempo o permitir, incluiremos também algumas sugestões relativas ao desenvolvimento e financiamento do papel social dos museus.

In a post-pandemic world, museums play critical roles supporting democracy and providing safe spaces for community dialogue and inspiring civic engagement. Across the Americas, museums nowadays are called to act as cultural catalysts where individual voices are heard and where collective knowledge is built. In the United States, for example, museums are playing an active role in today's global political climate, highlighting their enormous contribution in education, job creation, economic development, tourism, and preservation of national heritage, among other areas. Through advocacy work and capacity building, U.S. museum professionals are working together generating a collective and powerful voice for the benefit of communities across the nation.

The presentation will include examples of advocacy programs and initiatives implemented in the United States illustrating recent shifts in museum practice and supporting the critical values of museums in today's society. Time allowed, the presentation will include suggestions for museums to support their efforts to advocate and make their case for stronger support.

O sopro democrático nos museus portugueses

The breath of democracy in Portuguese museums

Luís Raposo

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Portugal

Há cinquenta anos, mais precisamente no dia 25 de abril de 1974, a chamada Revolução dos Cravos pôs fim a um longo período de ditadura iniciado em 1926. Todo o país mudou: as liberdades civis foram inteiramente restauradas, a guerra colonial terminou e a sociedade portuguesa pôde alcançar melhores padrões de vida e de bem-estar.

A primeira Constituição democrática, adotada em 1976, reconhecia a cultura e o património cultural como “direitos dos cidadãos”, aos quais era garantido o direito de “ação popular”. Surgiram centenas de ONG, novos cursos universitários e departamentos estatais, incluindo o próprio Ministério da Cultura, que abarcava vários institutos dedicados ao património cultural e aos museus.

De facto, os museus portugueses e os seus profissionais beneficiaram amplamente deste novo ambiente democrático. A evolução da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM é particularmente expressiva: outrora uma entidade elitista, com um escasso número de membros e de representantes exteriores nomeados pelo governo, converteu-se num foco agregador inteiramente democrático, representativo de centenas de profissionais.

Nasceram museus em todas as regiões, dedicados aos mais variados temas: são hoje mais de 1300. Destes, mais de 700 podem ser classificados como verdadeiros museus, e cerca de 400 como museus com condições técnicas suficientes. Por fim, desse mesmo grupo, 165 aceitaram livremente integrar a Rede Portuguesa de Museus (ela própria um produto da democracia), sendo assim reconhecidos como estruturas que cumprem todas as funções requeridas aos museus.

Atualmente, só muito poucos podem imaginar o que eram Portugal e os museus portugueses há meio século. O sopro da democracia está de tal forma integrado na nossa respiração individual e coletiva que parece impor-se, aos olhos da maioria, como o único modo de vida.

Fifty years ago, exactly on the 25th of April, 1974, the so-called Carnation Revolution put an end to a long dictatorship period, initiated in 1926. The entire country changed: civil liberties were completely restored, colonial war ended, and new wellbeing standards of life were acquired.

The first democratic Constitution, adopted in 1976, recognized culture and cultural heritage as “citizens’ rights”, for whom the right to “popular action” was established. Hundreds of NGOs, university studies and new state departments were created, including the Ministry of Culture itself and, within it, several institutes devoted to cultural heritage and museums.

Portuguese museums and museum professionals did benefit immensely from this new democratic environment. The evolution of ICOM Portugal National Committee is particularly eloquent: from an elitist entity, with only a few members and international representatives nominated by the government, it became a fully democratic assembling platform, representative of several hundreds of professionals.

Museums spread in all azimuths, both thematically and geographically. More than 1300 of so-called museums exist nowadays. From these, more than 700 can be accepted as real museums and about 400 as museums with sufficient technical conditions. Finally, still from these, 165 freely decided to integrate the Portuguese Museums Network (which is itself a product of democracy), having in consequence been recognized as fulfilling all the museum functions.

Today, hardly anyone can imagine what Portugal and Portuguese museums were one half century ago. The breath of democracy is in such a way embedded in our individual and collective breath that it seems for most the only way to live.



SESSÃO 3

SESSION 3

**Os museus como força motriz da educação
para a democracia**

Museums as engines of education for democracy

O papel do ICOM no incentivo à confiança dos cidadãos nos museus

The role of ICOM in promoting the trust of citizens in museums

Juliette Raoul-Duval

(Vice-presidente do ICOM Europa/ICOM Europe Vice-president), França/France

Para os museus de hoje, a participação pública constitui uma questão-chave. Há muitas formas de entender as “audiências”. A originalidade da conferência de Lisboa reside na ênfase que dá ao visitante enquanto cidadão, isto é, enquanto pessoa ativa no espaço público e democrático da cidade. Apelar ao “cidadão” para que invista no museu é um modo de reafirmar a singularidade deste, reconhecido como uma das instituições mais credíveis: visto que os profissionais dos museus observam um rigoroso código ético, os museus inspiram confiança; e visto que conservam coleções que constituem um testemunho essencial da história humana e natural, da ciência e da tecnologia, os museus têm a possibilidade de estimular a reflexão pública sobre as questões mais prementes dos nossos tempos.

Aos Museus, Cidadãos! é um convite ao envolvimento do público nestas instituições, às quais se pede que sejam, reconhecidamente, lugares de fruição, mas sobretudo espaços de conhecimento e de efervescência cultural de onde possam emergir respostas aos principais desafios do século XXI – em particular, o desenvolvimento sustentável. A presente comunicação visa identificar o lugar do ICOM dentro deste ambicioso projeto.

Public participation is a key issue for museums today. There are many ways of understanding “audiences”. The originality of the Lisbon symposium lies in its focus on the visitor as a citizen, i.e. as a person active in the public and democratic space of the city. Calling on this “citizen” to invest in the museum is a way of reaffirming the unique place of the museum, recognized as one of the most credible institutions: because museum professionals respect a rigorous code of ethics, museums inspire confidence; and because museums hold collections that bear essential witness to history, the history of nature, science and technology, they hold the keys to nourishing and enlightening public reflection on the burning issues of our time.

To the Museums, Citizens! is an invitation to get involved in museums, which are asked to be – admittedly – places of enjoyment, but above all spaces of knowledge and cultural effervescence from which responses to the major challenges of the 21st century could emerge, particularly sustainable development. This lecture aims to identify ICOM’s place in this ambition.

**Promover a diversidade no património e nos museus portugueses:
Modos de mudar práticas e narrativas em tempos pós-coloniais**
**Fostering diversity in Portuguese museums and heritage:
Ways of changing practices and narratives in postcolonial times**

David Felismino

(Presidente do ICOM Portugal/ICOM Portugal Chair), Portugal

Atualmente, “diversidade” é, sem dúvida, uma palavra-chave no sector dos museus portugueses e nos debates e práticas relativos ao nosso património cultural. Estão em curso numerosos projetos e iniciativas com vista a promover, celebrar, identificar, gerir, preservar e, em certos casos, contestar a diversidade. Nesta última década, em particular, o sector dos museus e do património tem dado maior atenção ao passado colonial do país. Várias iniciativas, tais como exposições, programas educativos e atividades comunitárias, entre outras, têm estimulado os debates sobre esse passado, enfatizando ao mesmo tempo certas questões socioculturais que lhe estão associadas e que continuam a afetar a sociedade portuguesa de hoje.

“Diversity” is undoubtedly a key word in contemporary Portuguese museums and heritage debates and practices. Numerous initiatives and developments to promote, celebrate, identify, manage, preserve and, sometimes, to contest, diversity are underway. Especially during the last decade, the Portuguese museums and heritage sector has given increased attention to Portugal’s colonial past. Various initiatives, such as exhibitions, educational programs, and community-based activities, among others, have stimulated discussions about this past, while highlighting related socio-cultural issues that continue to affect Portuguese society today.

Superar fronteiras cívicas: Desafios e revelações dos museus da Geórgia

Navigating civic frontiers: Challenges and insights from Georgian museums

Lana Karaia

(Membro da Direção do ICOM Europa/ICOM Europe Board), Geórgia/Georgia

Esta comunicação examina de que modo os museus georgianos têm superado dificuldades na promoção de valores cívicos ante os desafios globais do nosso tempo. Em linha com o tema desta conferência e a recente definição de museu, sublinhamos a necessidade de um maior envolvimento comunitário e expomos a paisagem complexa dentro da qual os museus da Geórgia têm procurado fomentar os valores cívicos em tempos conturbados.

This abstract looks at how Georgian museums deal with challenges in promoting civic values amid global challenges. Aligned with the conference theme and the recent museum definition, the paper stresses the need for more community involvement and unveils the complex landscape within which Georgian museums navigate in nurturing civic values during this critical period.

O que podem fazer os museus pela cidadania cultural?

What can museums do towards cultural citizenship?

Sara Brighenti

(Plano Nacional das Artes/National Plan for the Arts), Portugal

Em 2021, o Plano Nacional das Artes introduziu a Carta do Porto Santo com vista a promover os direitos culturais e a democracia na cultura. Em conformidade com as recomendações deste documento, tem sido implementado um método de consulta das camadas mais jovens, denominado “Mandar a Quem Manda”, que visa fortalecer a cidadania, a inclusão e a representatividade culturais nos processos de tomada de decisão. O método enfatiza a importância de escutar diferentes vozes, e em particular as dos mais jovens. Abordando as políticas museológicas, o nosso estudo procura determinar se os museus têm de facto sabido envolver os jovens nos seus processos. Defendemos uma mudança de paradigma – o trabalho *para* os jovens deve dar lugar ao trabalho *com* os jovens –, e apelamos a que se confie nas suas propostas e se assumam os necessários riscos. Esta abordagem promove a capacitação, contribuindo para um futuro mais democrático.

In 2021, the Portuguese National Plan for the Arts introduced the Porto Santo Charter to promote cultural rights and cultural democracy. As per the recommendations of this Charter, a youth consultation method called “Tell Those in Charge” is being implemented to enhance cultural citizenship, inclusion, and representativeness in decision-making. This method emphasizes the significance of diverse voices, particularly those of young people. Addressing museum policies, this presentation questions whether museums truly involve young people in their processes. It advocates a shift from working *for* them to working *with* them, calling for trust in their proposals and embracing the necessary risks. This approach promotes empowerment, contributing to a more democratic future.



SESSÃO 4

SESSION 4

Museus e capacitação dos cidadãos I
Museums and citizen empowering I

O impacto dos museus na percepção pública da vida rural

Museum's impact on citizens' perception of rural life

Tayeebeh Golnaz Golsabahi

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Irão/Iran

As sociedades desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento têm atribuído grande importância à regulação das relações entre os cidadãos e o ambiente. Projetos artísticos, meios de comunicação e fenómenos culturais têm empreendido esforços significativos em prol desta regulação sistemática. Se, por um lado, a destruição do meio ambiente foi uma consequência do desenvolvimento, por outro, o conceito de desenvolvimento sustentável é hoje exclusivamente definido por considerações relativas ao ambiente e à sua preservação e expansão. Os museus, que constituem um dos mais importantes indicadores culturais nas sociedades urbanas desenvolvidas, tornaram-se um componente da indústria do turismo, o que lhes tem valido algumas críticas por parte de ativistas ambientais, embora possam também contribuir de modo efetivo para a sensibilização dos cidadãos relativamente ao património natural e ambiental.

Em oposição às suas tradicionais funções de preservação do passado e de divulgação do seu património histórico e cultural, o papel dos museus de hoje abarca também o presente e o futuro. A natureza e a ruralidade enquanto modo de vida constituem o tema de alguns desses museus, de entre os quais se destaca o Museu Saravan, localizado na província de Gilão, norte do Irão. Documentando criativamente os costumes e os rituais da vida rural, procurando harmonizar e conciliar a vida moderna com os atuais valores de preservação do meio natural e ambiental, o museu apresenta ao público

Developed or developing societies greatly emphasize regulating the relationship between citizens and the environment. Artistic works, media, and cultural phenomena have made significant efforts in this systematic regulation. While environmental destruction has been a consequence of development, today the concept of sustainable development is defined only by considering the environment and its preservation and expansion. Museums, as one of the most important cultural indicators in developed urban societies, have become a component of the tourism industry in developed societies, and are sometimes criticized for that by environmental activists, while they can also effectively contribute to raising citizens' awareness about natural and environmental heritage.

Contrary to their usual function of preserving the past and acquainting museum visitors with historical and cultural assets of the past, the function of museums in this new era is concerned with the present and the future. Nature and rural life as a form of living are the subject of such museums, and the Saravan Museum in Gilan Province, in northern Iran, is one of the unique examples in this regard. Creatively showcasing the customs and rituals of rural life, based on the balance and harmony between modern life and current values in nature and environmental preservation, it introduces urban citizens tangibly to the essence of authentic life, namely balanced

urbano a essência de um modo de vida genuíno e equilibrado. Os preceitos e as práticas da vida quotidiana dos aldeões, desde a construção das casas e a preparação dos alimentos à agricultura e à criação de animais, são baseados nas necessidades e condições prevaletentes no meio natural em que se inserem. Este museu constitui uma oportunidade para a prática, bem como um apelo à construção de uma vida cívica equilibrada, que busque inspiração nas atuais comunidades rurais para desenvolver modos de convivência harmoniosos e democráticos. A presente comunicação centra-se neste processo e no papel do museu como educador do público neste domínio.

living. The daily life principles and practices of villagers, from house construction and cooking to agriculture and animal husbandry, are all based on the requirements and necessities prevailing in the region's nature. This museum is an opportunity for practice. It is a chance to create a balanced and harmonious civic life, draw inspiration from current life alongside nature, live harmoniously together, and practice democracy. This presentation focuses on this process and the museum's role in enhancing the understanding of the audiences in this field.

O Museu Inclusivo e Solidário

The Inclusive and Solidary Museum

Mário Nuno Antas

(Membro da Direção do ICOM Europa/ICOM Europe Board member), Portugal

O Museu Inclusivo e Solidário (MIS) é um projeto do Museu Nacional dos Coches que visa celebrar a diferença mediante a promoção da igualdade e da inclusão através da educação e do património. Por meio de um programa educativo-cultural, o MIS procura contribuir para a promoção de iguais oportunidades no acesso à educação e à cultura, proporcionando a estudantes de zonas desfavorecidas e a jovens com deficiências cognitivas uma primeira experiência de visita a um museu.

The Inclusive and Solidary Museum (ISM) is a project of the National Coach Museum that celebrates differences by promoting equality and inclusion through education and heritage. The ISM seeks, through an educational-cultural program, to contribute to the promotion of equal opportunities in the access to education and culture. This project has made it possible to provide a first museum experience to students from schools in disadvantaged areas and young people with cognitive disabilities.

A experiência do Museu Al Shindagha na promoção da identidade nacional dos Emirados Árabes Unidos

The Al Shindagha Museum's experience in promoting the national identity of the United Arab Emirates

Ahmed Mohammed

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Emirados Árabes Unidos/United Arab Emirates

Os Emirados Árabes Unidos (EAU) têm-se distinguido pelo seu interesse pelos museus, particularmente o Dubai, onde são entendidos como os alicerces da identidade nacional. Apesar da proliferação de museus, da diversidade dos seus temas e das suas diferenças de estatuto (público ou privado), estas instituições têm centrado os seus vários programas e atividades no fortalecimento de um sentido de identidade nacional. Entre os museus que mais se têm destacado neste âmbito está o Museu Al Shindagha. Descreverei a sua experiência na promoção da identidade nacional da comunidade dos EAU.

O primeiro ponto fundamental do recentemente atualizado plano estratégico do Governo – Talento e Educação – visa estabelecer um ambiente de sustentabilidade que estimule o desenvolvimento de talentos e possa construir a próxima geração de artistas mediante a integração da cultura e das artes nos diversos níveis de ensino e a criação de programas educativos e oficinas de aprendizagem e formação vocacional capazes de inspirar a criatividade de uma nova geração. Este ecossistema tem adotado políticas flexíveis e motivadoras que contribuem para a atração de talentos internacionais e apoiam o estabelecimento e a sustentabilidade dos seus empreendimentos no Dubai.

O Dubai foi sempre um foco de criatividade e inovação, como atestam as muitas iniciativas culturais que tem lançado e desenvolvido ao longo dos anos nos domínios da arquitetura e do urbanismo, das artes, da literatura e do design: a Temporada de Arte do Dubai, o Festival de Literatura dos Emirados, a Semana do Design do Dubai ou a Feira de Arte Sikka. Além disso, o Dubai foi a primeira cidade do Médio Oriente – e a vigésima quarta em termos mundiais – a integrar a Rede de Cidades Criativas da UNESCO no domínio do Design. Em 2022, tornou-se a cidade com a mais elevada densidade

The United Arab Emirates (UAE) has been distinguished by its interest in museums in all its emirates, especially in the Emirate of Dubai, where these institutions are considered the foundation for building a sense of national identity. Despite the spread of museums and the diversity of their topics and their statuses as government or private museums, their various activities and programs have been focusing on strengthening the Emirati national identity, and among the most prominent museums that have excelled in this area is the Al Shindagha Museum. I will address the Al Shindagha's experience in promoting the national identity of the UAE community.

The first pillar of the Government updated strategic roadmap – Talent and Education – aims to develop an environment of sustainability that encourages talent growth and builds the next generation of creative artists by integrating culture and the arts in the various educational levels, developing educational programs, training workshops and vocational training to inspire a new generation of creative talent. This ecosystem provides motivating flexible policies that contribute to attract global creative talent and support the establishment and sustainability of their businesses in Dubai.

Dubai has always been a hub for creativity and innovation, as made evident by the various cultural ventures it has initiated and developed over the years in architecture and urbanism, the arts, literature, and design – Art Dubai Season, Emirates Literature Festival, Dubai Design Week and Sikka Art Fair. Additionally, Dubai was the Middle East's first city – and the 24th in the world – to become a UNESCO Creative City of Design. By 2022, Dubai became the city with the highest density of museums within the Gulf region; this was made possible

de museus na região do Golfo, graças à inauguração do Museu do Futuro e dos novos pavilhões temáticos do Museu Al Shindagha, que albergam uma grande variedade de coleções e conteúdos orientados para o fomento da identidade nacional e constituem um dos mais vastos complexos museológicos ao ar livre, a par da EXPO 2020. Em 2025, o Dubai será responsável pelo planeamento, organização e execução da 27.^a Conferência Geral do ICOM, no âmbito da qual desenvolverá uma programação estimulante, original e criativa.

by the opening of the Museum of the Future and the launching of additional thematic pavilions housing a wide variety of content and collections focused on aspects of the UAE national identity within the Al Shindagha Museum complex, one of the largest open-air museums, as well as by the launching of EXPO 2020. In 2025, Dubai will be both original and creative in its planning, organization, execution, and delivery of cohesive and stimulating programs for the 27th ICOM General Conference.

Os museus como postos de escuta e instrumentos de capacitação: Reinventar a relação do CAM com o público

Museums as listening and empowering devices: Reimagining CAM's relationship with audiences

Susana Gomes da Silva

(Fundação Calouste Gulbenkian), Portugal

Num mundo tão caótico, ruidoso e egocêntrico como o nosso, marcado por desigualdades e por tumultos, conflitos e complexidades sociais, escutar é uma tarefa difícil. Exige a capacidade de nos descentrarmos e de dedicarmos tempo e atenção aos outros, de cultivarmos a empatia e incorporarmos silenciosa e profundamente outras perspetivas, perceções e vozes, por vezes divergentes e perturbadoras. Escutar é uma poderosa forma de aprendizagem, crescimento e criação de laços significativos, já que permite abraçar e incorporar a diferença. Tradicionalmente, porém, os museus não se têm distinguido como bons ouvintes – de facto, são espaços que tendem a “falar” mais do que a ouvir, difundindo saberes e narrativas com base nos seus materiais e competências científicas. E, contudo, nós estamos à escuta.

Apresentarei alguns dos mais recentes projetos do serviço educativo do CAM – Centro de Arte Moderna, que evidenciam uma mudança no sentido de uma abordagem mais favorável à participação do público, enquanto parte de uma estratégia de escuta e de integração de múltiplas vozes num programa diverso que promove os valores da inclusão, da democracia e da cidadania.

In such a messy, noisy, self-centred world, filled with social inequality and social unrest, struggle and complexity, listening is hard. It requires the ability to detach from oneself and to devote time and full attention to others, to empathise, to silently and deeply incorporate other views, perceptions, and voices, sometimes dissenting and distressing. Listening is a powerful form of learning, of growing and of bonding meaningfully, as it allows us to embrace and incorporate differences. But traditionally, museums are not exactly well known for being good listeners – in fact, they are not “hearing” spaces as much as they are “telling” devices, resonating knowledge and narratives based on their material evidence and science. And yet we are listening.

In this presentation, some of the most recent projects of the Education department of CAM (Modern Art Centre) will highlight a shift towards a more participatory approach to audience engagement as part of a strategy of listening and incorporating multiple voices into a diverse programme that enhances inclusion, democracy, and citizenship.



SESSÃO 5

SESSION 5

Museus e capacitação dos cidadãos II
Museums and citizen empowering II

Os museus como nexos entre a proteção do património e a comunidade: O caso dos museus da Zâmbia

Museums acting as nexus between heritage protection and the community: The case of Zambian museums

Terry Simioti Nyambe

(Vice-presidente do ICOM/ICOM Vice-president), Zâmbia/Zambia

Ao longo das últimas décadas temos assistido à expansão e rápida transformação do papel social dos museus. Em muitas sociedades africanas, os museus eram tradicionalmente vistos como instituições dirigidas aos visitantes oriundos do norte global, uma perceção que, infelizmente, continua a persistir em alguns setores.

Na Zâmbia, os museus assumiram a missão de mudar esta narrativa, incentivando a participação do público mediante programas relacionados com os seus modos de vida. Esta estratégia visa aproximar os museus das comunidades, preservar o património e fortalecer a relevância social dos museus. Esta comunicação descreve programas inovadores que diferentes museus da Zâmbia têm desenvolvido no intuito de alterar a narrativa e confiar aos museus o papel de nexos entre a proteção do património e as comunidades. De modo a proteger eficazmente o património, há que envolver no processo os seus detentores.

The role of museums in society has been growing and changing quickly in the recent decades. In many African societies, museums were seen as institutions meant for visitors from the global north. Unfortunately, this notion is still persistent among some members of society.

The museums in Zambia have embarked on a mission to change the narrative by engaging the public in programmes that relate to their livelihood. This has been done to bring the museum closer to the communities, to protect heritage and to enhance the relevance of the museums to society. This paper shows several innovative programmes that different museums in Zambia have undertaken to change the narrative and position the museums as nexus between heritage protection and the community. To successfully protect heritage, their holders must be involved in the process.

Ampliar o alcance dos nossos museus: Instituições culturais, inclusão e terceira idade

Stretching our museums' reach: Cultural institutions, inclusivity, and senior citizens

Jody Steiger

(Membro do Conselho Executivo do ICOM/ICOM Executive Board member), Costa Rica

De acordo com a nossa definição, os museus são lugares “abertos ao público, acessíveis e inclusivos”. Nas atuais discussões sobre a diversidade, a acessibilidade e a inclusão nos museus é frequente negligenciar-se um grupo demográfico particular – os cidadãos mais velhos, ou da chamada “idade de ouro”. Tem havido tentativas de definir em termos politicamente corretos aquilo a que tradicionalmente se chama velhice. Por que motivo os nossos museus e instituições culturais hesitam em responder às necessidades daquele que foi em tempos o setor mais respeitado da população?

A presente comunicação abordará este problema, referindo três instituições da Costa Rica que souberam superar alguns dos desafios inerentes à criação de espaços culturais abertos e acolhedores para a população idosa. Documentam-se os programas do Teatro Nacional da Costa Rica, do Museu de Arte Costa-Riquenha e do Centro Cultural de Espanha, na esperança de que a partilha e a divulgação destes esforços possam incentivar novos programas deste tipo, tornando-os parte do quotidiano das nossas instituições culturais.

Our definition of museum states that these are places “open to the public, accessible and inclusive”. In current discussions on diversity, accessibility, and inclusivity in museums, one demographic grouping is often unconsidered – senior citizens, also known as those in their “golden years”. There have been attempts to define in politically correct terms what is traditionally known as old age. Why are our museums and cultural institutions unsure of how to provide for the needs of what was once the most honoured sector of our population?

This paper will address this issue and give examples of how three institutions in Costa Rica have overcome some of the challenges involved in creating open and comfortable cultural spaces for an aging population. In documenting programs of the National Theatre of Costa Rica, the Museum of Costa Rican Art, and the Cultural Center of Spain, our hope is that by recording and sharing these efforts, more special programming of this type will become part of our cultural institutions' daily activities.

O novo Museu do Design e da Arquitetura e o poder transformador dos museus

The new Museum of Design and Architecture and the transformative power of museums

Carina Jaatinen

(Tesoureira do ICOM/ICOM Treasurer), Finlândia/Finland

Na primavera de 2021, o governo finlandês e a cidade de Helsínquia lançaram um projeto em parceria com o Museu do Design e o Museu de Arquitetura Finlandesa com vista à criação de um museu de classe internacional. Este novo museu viria resolver os já antigos problemas de espaço do Museu de Arquitetura Finlandesa (fundado em 1956) e do Museu do Design (fundado em 1873) e promover internacionalmente a arquitetura e o design nacionais.

O novo Museu do Design e da Arquitetura aspira a ser uma instituição de escala humana acessível a todos, facilitando o contacto com os domínios da arquitetura e do design por meio da experimentação e da observação, bem como de conteúdos interativos. Dedicado não apenas ao nosso património, mas também a um futuro potencialmente sustentável, o museu visa ultrapassar as fronteiras de Helsínquia e chegar ao resto do mundo através de programas e serviços digitais e plataformas virtuais.

O amplo apoio local e nacional ao projeto atesta a confiança do público no poder transformador dos museus. O novo Museu do Design e da Arquitetura é considerado um investimento seguro, já que contribuirá para o poder de atração da Finlândia e da cidade de Helsínquia, gerando oportunidades de emprego, democratizando o acesso ao conhecimento e a experiências culturais, fomentando uma cultura urbana dinâmica, estimulando relações sociais e apoiando a internacionalização dos nossos setores criativos e das empresas que lhes estão associadas. Prevê-se que os investimentos públicos no museu produzam um retorno benéfico à nossa economia através do emprego, dos salários, do consumo e da receita fiscal.

In spring 2021, the Finnish government and the city of Helsinki launched a project in collaboration with the Design Museum and the Museum of Finnish Architecture to create a museum of international excellence. This new museum would solve the long on-going spatial challenges of the Museum of Finnish Architecture (est. 1956) and the Design Museum (est. 1873) and champion Finnish design and architecture on a global stage.

The new Museum of Design and Architecture aims to be a human-scale museum for everyone, where the realms of architecture and design will unfold within through experimentation, observation, and engagement. Showcasing our heritage, and the potential, sustainable futures in vision, the museum will extend its influence not only in Helsinki, but also worldwide through programs and services delivered across digital and virtual platforms.

The broad national and local support for the project proves the trust in the transformative power of museums. The new Museum of Design and Architecture is considered a profitable investment that will enhance the appeal of Finland and Helsinki, generate employment opportunities, democratize access to knowledge and experiences, nurture a lively urban culture, foster social connections, and support the internationalization of our creative sectors and associated businesses. Public investments in the museum are assessed to yield returns that support our economy through employment, wages, consumption, and taxation.

Abrir os museus: De cofre do tesouro a caixa de ferramentas

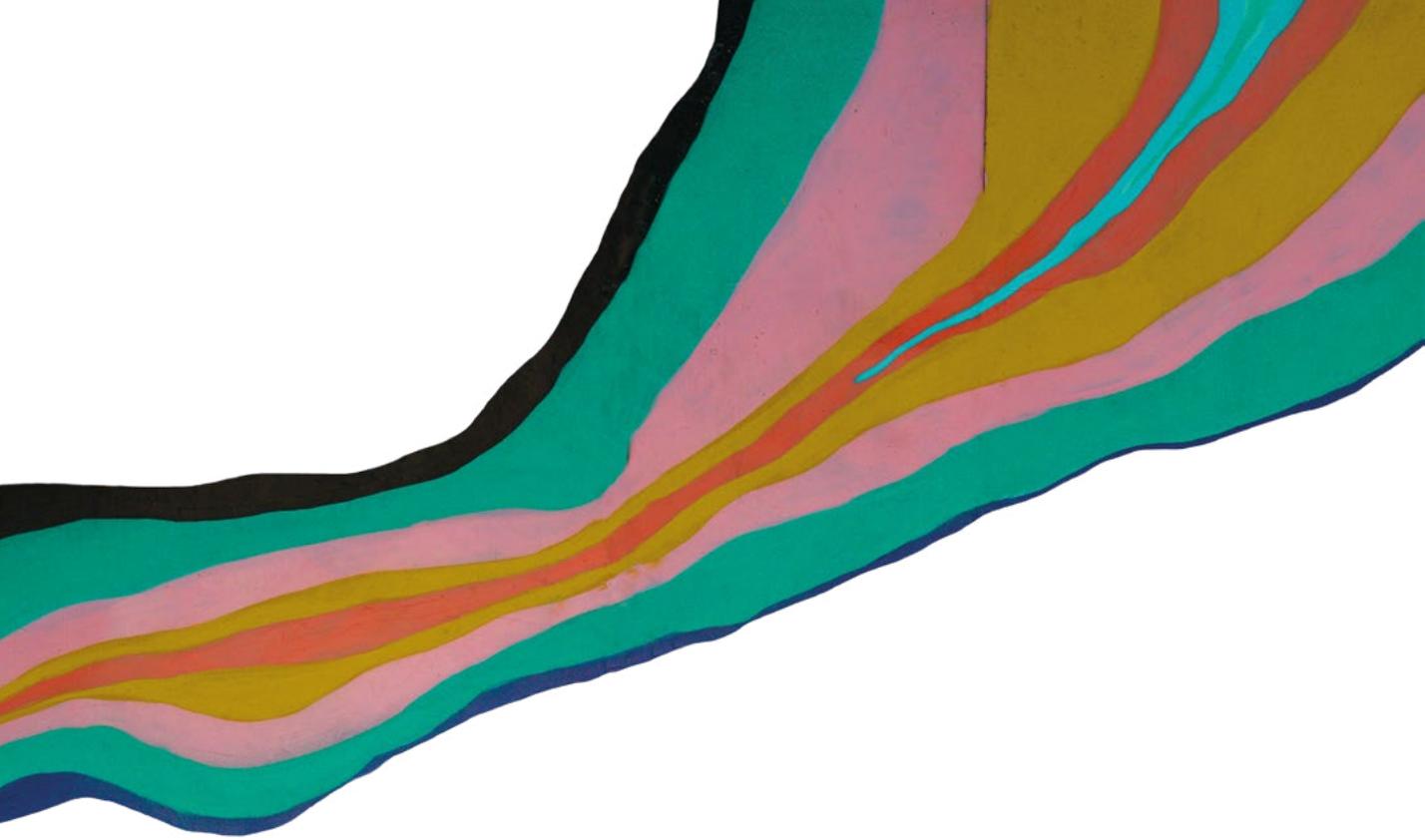
Unlocking museums: Shifting from treasure box to toolbox

Inês Bettencourt da Câmara

(Mapa das Ideias, membro do ICOM Portugal
/Mapa das Ideias, ICOM Portugal member), Portugal

Ao evoluírem de cofre do tesouro para caixa de ferramentas, os museus desempenham um papel vital, abraçando ideias não convencionais e assumindo riscos que enriquecem a nossa paisagem cultural. Dentro dos museus, forças contrárias propõem exposições seguras e iniciativas ousadas, estas últimas defendidas sobretudo por grupos educativos e de mediação que trabalham em prol da justiça social. Ganhando influência no seio de instituições dinâmicas, estes grupos estabelecem pontes, superam obstáculos e concebem projetos inovadores, reconhecendo no museu um ecossistema vivo com a capacidade de fomentar iniciativas originais e transformadoras. Esta inteligência coletiva estende-se além dos saberes de especialistas e curadores, transformando o museu num espaço público para o qual convergem vozes diversas, incentivando ao sucesso através de infinitas possibilidades, empatia emocional e abertura a um diálogo inspirador com a história, a ciência e as artes.

In the evolution from treasure box to toolbox, museums play a vital role in embracing unconventional ideas and taking risks that enrich our cultural landscape. Within the museum, opposing forces contend between safe exhibitions and daring endeavours, notably navigated by mediation and education teams advocating for social justice. Empowered within a dynamic institution, these teams bridge gaps, rebuild from setbacks, and prototype innovative projects, recognizing the museum as a living ecosystem with the capacity to nurture unique and transformative initiatives. This collective intelligence extends beyond researchers and curators, shaping the museum as a public space where diverse voices converge, fostering success through infinite possibilities, emotional resonance, and inspiration drawn from history, science, and the arts.



SESSÃO 6

SESSION 6

Os museus perante o futuro
Museums in face of the future

O museu como tecnologia social? Contributos para a gestão museológica mediante práticas de sociomuseologia

Museum as social technology? Contributions to museum management through sociomuseology practices

Nathália Pamio Luiz

(ICOM Portugal), Portugal

Breve apresentação de um projeto de investigação em curso, que tem como objeto de estudo a relação entre as tecnologias sociais enquanto recurso de inovação social e as práticas de sociomuseologia, observadas em museus cujas atividades se baseiam na sua função social junto das comunidades às quais estão ligados.

Muitos museus desenvolvem estratégias alheias às questões sociais e territoriais locais, com um impacto limitado na vida das suas comunidades. Mas como podemos tomar outro rumo e recodificar tais práticas?

O objetivo desta pesquisa é contribuir para um melhor entendimento do museu enquanto tecnologia social, através de objetivos específicos como o mapeamento de práticas positivas e a análise e interpretação, de modo participativo, dos processos e métodos de uma natureza museológica dialógica e orientada para a comunidade, com vista a traçar metodologias compatíveis com o desenvolvimento de estratégias que utilizam o museu como recurso.

Brief discussion about an ongoing investigation, which has as its object of study the relationship between social technologies as a resource for social innovation and the practices of sociomuseology observed in museums whose activities are based on their social function in communities with which they are related.

Museums often develop strategies without connection to local territorial and social issues, with limited impact on the lives of their beneficiary communities. But how can we take another path and recodify these practices?

The objective of this research is to contribute to a better understanding of the Museum as a social technology, through the specific objectives of mapping good practices, analysing and interpreting in a participatory way the processes and methods of a dialogic and community-based museological nature, to create methodologies aligned with the development of strategies that use the museum as a resource.

Casa Fernando Pessoa: Uma casa para a literatura. Sinta-se em casa!

Casa Fernando Pessoa: A home for literature. Make yourself at home!

Clara Riso

(EGEAC, Casa Fernando Pessoa), Portugal

A Casa Fernando Pessoa (CFP) é um museu literário responsável pela preservação, estudo e promoção do legado de Fernando Pessoa (1888-1935), reconhecido mundialmente como um dos maiores escritores do século XX. Recentemente alvo de importantes obras de renovação, a CFP reabriu ao público em 2020, remodelada e mais acessível, com uma nova exposição de longa duração. Enquanto casa de literatura, a nossa missão é promover a reflexão e o debate sobre o poder da literatura e os efeitos transformadores da leitura.

Casa Fernando Pessoa is a museum of literature responsible for preserving, studying, and promoting the legacy of Fernando Pessoa (1888-1935), recognized worldwide as one of the greatest writers of the 20th century. Recently it went through relevant renovation works and reopened to the public in 2020, refurbished and more accessible, with a new long-term exhibition. As a home for literature, our mission is to promote reflection and debate on the power of literature and the transformative effects of reading.

Políticas públicas perante o futuro: Analisar uma iniciativa portuguesa, o Grupo de Projeto Museus no Futuro

Public policies in face of the future: Reviewing a Portuguese initiative, the Future Museums Project Group

Clara Camacho

(Museus e Monumentos de Portugal, membro do ICOM Portugal
/Museums and Monuments of Portugal, ICOM Portugal member), Portugal

Em 2019, o governo português criou o Grupo de Projeto Museus no Futuro, com vista a identificar e a propor medidas de incentivo à sustentabilidade, acessibilidade, inovação e relevância dos museus no âmbito das estruturas oficiais do Ministério da Cultura. O Grupo formulou cinquenta recomendações, divididas em cinco tópicos: Gestão de Museus, Redes e Parcerias, Transformação Digital, Gestão de Coleções e Públicos e Mediação. Entregue ao Ministério da Cultura em novembro de 2020, o Relatório Final é aqui revisitado à luz do momento atual.

In 2019, the Portuguese government set up the Museums in the Future Project Group, aiming to identify and propose measures that would contribute to the sustainability, accessibility, innovation, and relevance of museums within the scope of the official bodies of the Ministry of Culture. The Group identified fifty recommendations, broken down into five themes: Management of Museums, Networks and Partnerships, Digital Transformation, Collection Management and Audience Engagement. Delivered to the Minister of Culture in November 2020, the Final Report is revisited in the light of today.

Arte e ativismo em tempos de crise climática: Entre o movimento e o museu

Art and activism in the climate crisis: Between the movement and the museum

Elke Kellner

(Membro da Direção do ICOM Europa/ICOM Europe Board member), Áustria/Austria

No último ano, grupos de ativismo ambiental bloquearam física e simbolicamente, com as suas ações de protesto, diversas infraestruturas emissoras de CO₂, aeroportos, estradas principais e zonas de mineração de carvão. Porém, para surpresa de muitos, alguns museus de renome foram igualmente alvo de ações desse tipo, o que desencadeou um amplo debate nos meios de comunicação. Neste contexto, os artistas, que durante décadas se empenharam na defesa de um futuro mais favorável ao clima, muitas vezes em colaboração com ativistas ambientais, ficaram para trás. Que mudanças se impõem aos museus e à arte em tempos de crise climática? Que papel poderão os artistas e os agentes culturais desempenhar no desenvolvimento de uma sociedade mais justa em termos climáticos? E que impacto tem nos museus e nas instituições culturais a priorização da sustentabilidade ecológica como base de todas as decisões curatoriais e empresariais?

In the past year, climate activists have symbolically or physically blocked CO₂-emitting infrastructure, airports, main roads and coal mining areas with their actions. What was surprising to many, however, was that renowned museums were also chosen as targets for actions, which sparked a broad media discussion. In this context, the decades-long constructive commitment of artists towards a more climate-friendly future, often in cooperation with climate activists, fell behind. How should museums and art change in times of climate crisis? What role could artists and cultural workers play in the development of a more climate-just society? What impact does it have on museums and cultural institutions when ecological sustainability becomes the basis of all curatorial and business decisions?

Museus e Monumentos de Portugal

Museums and Monuments of Portugal

Chamamo-nos Museus e Monumentos de Portugal. No nosso nome vive um “e”, conjunção que liga duas ou mais palavras. Ligar é reunir, relacionar, ativar, dar atenção e importância. No nosso nome vive também Portugal, mas Portugal não é uma abstração. É um território: do nordeste transmontano ao promontório de Sagres. Somos um país-museu aberto ao público.

Abraçamos uma multidão de singularidades. Dos quase quarenta espaços que estão à nossa guarda, seis são monumentos classificados pela UNESCO como Património Mundial, quinze são museus nacionais, todos têm um brilho próprio. Juntos, formam uma constelação de conhecimento e espanto. A força da arte e do património não é distante ou utópica. Temos de inscrever no nosso quotidiano.

Acreditamos que nenhum museu, monumento e palácio é uma ilha, reduto de solidão e incommunicabilidade. Gostamos de pensar que somos um arquipélago, ilhas unidas pela proximidade e pela mesma origem geológica. Pisamos o mesmo chão, olhamos as mesmas estrelas, partilhámos uma identidade comum.

Caminhamos na boa companhia do Laboratório José de Figueiredo, do Arquivo de Documentação Fotográfica e da Rede Portuguesa de Museus. Dão-nos recursos, memória, escala. Confiaram-nos as chaves do Castelo de Guimarães e continuamos a construir a Coleção de Arte Contemporânea do Estado. Somos uma força do passado e damos passos em frente. O nosso legado é o futuro. Não temos medo dos paradoxos.

Sabemos que os museus, monumentos e palácios são lugares de contemplação e silêncio. Mas as pedras falam, as coleções têm opiniões, os visitantes nacionais e internacionais reclamam a qualificação da sua experiência. Queremos ouvir um barulho novo no silêncio dos museus.

Defendemos a democratização do acesso à cultura, a inclusão, a responsabilidade educativa, a diversificação de públicos. Vamos materializar estes desígnios por mais do que só palavras.

We are called Museums and Monuments of Portugal. In our name there is an “and”, a conjunction that connects two or more words. To connect means to bring together, to forge relationships, to activate, to pay attention and assign importance. In our name there is also Portugal, but Portugal is not an abstraction. It is a territory: from the northeastern region of Trás-os-Montes to the Sagres Promontory. We are a “museum country” open to the public.

We embrace a multitude of singularities. Of the nearly forty sites in our custody, six are classified as UNESCO World Heritage monuments, fifteen are national museums, and every one of them shines with a light of its own. Together, they form a constellation of knowledge and amazement. The power of art and heritage is not something remote or utopian. We must incorporate it into our daily lives.

We believe that no museum, monument, or palace is an island, a retreat of solitude and incommunicability. We like to think of ourselves as an archipelago, a cluster of islands connected by geographical proximity and the same geological origin. We tread on the same ground, we gaze at the same stars, we share a common identity.

We walk in the good company of the José de Figueiredo Laboratory, the Archive of Photographic Documentation, and the Portuguese Museums Network. These give us resources, memory, and scale. We are entrusted with the keys to the Castle of Guimarães and we keep on building the State Collection of Contemporary Art. We are a force from the past – and we take steps forward. Our legacy is the future. We do not fear paradoxes.

We know that museums, monuments, and palaces are places of contemplation and silence. But stones do speak, collections hold opinions, national and international visitors demand the improvement of their experiences. We wish to hear a new noise within the silence of museums.

We stand for democratizing the access to culture, for inclusion and educational responsibility, and

A Museus e Monumentos de Portugal é um plural majestático. Um plural de majestade é um plural de modéstia: quando dizemos nós, queremos dizer eu, tu, ele e ela. Contamos com a cumplicidade de todos os profissionais da cultura que agora nos acompanham, embaixadores da nossa missão e valores. Confiamos na inteligência coletiva.

A nossa história continua uma história interminável. A nossa história são as cenas dos próximos capítulos.

for diversifying our audiences. We will materialize these aims through more than just words.

Museums and Monuments of Portugal is a majestic plural. A plural of majesty that is in fact a plural of modesty: when we say we, we mean I, you, he, and she. We are counting on the involvement of all the cultural agents who have now joined us, ambassadors of our mission and our values. We trust collective intelligence.

Our history continues an endless story. Our history is still in the making.

ICOM - International Council of Museums

O ICOM é a maior organização internacional de museus e profissionais de museus dedicada à preservação e divulgação do património natural e cultural mundial, do presente e do futuro, tangível e intangível.

Criado em 1946, o ICOM é uma organização não-governamental (ONG) que mantém relações formais com a UNESCO e tem estatuto consultivo no Conselho Económico e Social das Nações Unidas.

Sendo uma organização sem fins lucrativos, o ICOM é sobretudo financiado pelas quotas pagas anualmente pelos seus membros. É igualmente apoiado por vários organismos governamentais e outros. Uma parte significativa do programa da UNESCO para os museus é implementada pelo ICOM.

O ICOM tem sede em Paris, onde se encontra igualmente sediado o Centro de Documentação UNESCO-ICOM.

O Plano Estratégico do ICOM, adotado pela sua Assembleia Geral, constitui um importante instrumento de implementação da missão do ICOM, servindo de orientação para o Secretariado, bem como para os Comités Nacionais e Internacionais.

As atividades e programas do ICOM pretendem dar resposta aos desafios e necessidades das profissões associadas aos museus, particularmente nas seguintes áreas:

- Cooperação e intercâmbios profissionais;
- Sensibilização e divulgação dos museus;
- Formação profissional;
- Promoção da ética profissional dos museus;
- Preservação do património e combate ao tráfico ilícito da propriedade cultural.

ICOM is the largest international organization of museums and museum professionals devoted to the preservation and promotion of the world's natural and cultural heritage, present and future, tangible and intangible.

Founded in 1946, ICOM is a non-governmental organization (NGO) that maintains formal relations with UNESCO and holds advisory status within the Economic and Social Council of the United Nations. As a non-profit organization, ICOM is primarily financed by the annual fees paid by its members, being also supported by several governmental agencies and other entities. A significant part of UNESCO's program for museums is implemented by ICOM. Its General Secretariat is based in Paris, where the UNESCO-ICOM Documentation Centre is also located.

The ICOM Strategic Plan, approved by its General Assembly, represents an important instrument for the implementation of ICOM's mission, providing guidance to its Secretariat, as well as its National and International Committees.

ICOM's initiatives and programs aim to meet the needs and challenges of the various museum related professions, particularly in the following areas:

- Cooperation and professional exchanges;
- Awareness and promotion of museum activities;
- Professional training;
- Advancement of professional ethics in museums;
- Preservation of heritage and prevention of illicit trafficking of cultural property.

EDIÇÃO/PUBLISHING

Museus e Monumentos de Portugal

traduções/translations

Rui Pires Cabral

design gráfico/graphic design

SAL Studio

impressão/printing

Greca Artes Gráficas

COORGANIZAÇÃO | CO-ORGANISATION

**MUSEUS
E MONUMENTOS
DE PORTUGAL**

ICOM international
council
of museums
Portugal



COORGANIZAÇÃO | CO-ORGANISATION

**MUSEUS
E MONUMENTOS
DE PORTUGAL**

ICOM international
council
of museums
Portugal

50
X2 25
DE
ABRIL
DE
MO
CRA
CIA